

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL**

**OS BEBÊS NOS DIFERENTES ESPAÇOS COLETIVOS  
DA ESCOLA INFANTIL**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**Fernanda Zanatta**

**Santa Maria, setembro de 2016.**

# **OS BEBÊS NOS DIFERENTES ESPAÇOS COLETIVOS DA ESCOLA INFANTIL**

**FERNANDA ZANATTA**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil.

Orientadora: Aruna Noal Correa

Santa Maria, RS, Brasil

2016

**Universidade Federal de Santa Maria**  
**Centro De Educação**  
**Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Monografia de Especialização.

**OS BEBÊS NOS DIFERENTES ESPAÇOS COLETIVOS DA ESCOLA INFANTIL**

Elaborado por  
**Fernanda Zanatta**

Como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Educação Infantil

Comissão examinadora

Aruna Noal Correa - Dra (UFSM)  
(Presidente\Orientador)

Ana Carla Hollweg Powaczuk - Dra (UFSM)

Cândice Moura Lorenzoni - Ms (UFSM)

Santa Maria, 10 de setembro de 2016.

# RESUMO

Monografia de Especialização

Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil

## OS BEBÊS NOS DIFERENTES ESPAÇOS COLETIVOS DA ESCOLA

Autora: Fernanda Zanatta

Orientador: Aruna Noal Correa

Data e Local da defesa: Santa Maria, 10 de setembro de 2016.

**Resumo.** A presente pesquisa aborda a educação de bebês dentro das Escolas de Educação Infantil e suas relações com os espaços coletivos. Nesse sentido, buscou-se compreender a visão de professores e gestores em relação as concepções de bebê e de espaço, além de analisar a ocupação dos espaços coletivos pelos bebês. O estudo aborda questões ligadas aos bebês como especificidades da faixa etária, rotina de um berçário, autonomia, organização do espaço, integração com outras crianças e ambientes, possibilidades oferecidas, as diferentes linguagens e potencialidades dos bebês e a utilização dos espaços coletivos da escola. Além disso, apresenta práticas inspiradoras com os bebês na ocupação de todos os ambientes da mesma. Os conceitos que sustentam esta pesquisa estão baseados em reflexões de aporte teórico de autores como Barbosa (2008, 2010), Horn (2004, 2015), Rinaldi (2012), Gandini (1999), Oliveira (2012), Fochi (2014) e Gobatto (2013), além de contribuições advindas da legislação educacional vigente no Brasil. O estudo desenvolveu-se pela observação e interpretação das experiências que emergiram no cotidiano dos Berçários das Escolas Municipais de Cruzeiro do Sul/RS, numa pesquisa de cunho fenomenológica, tratando de experiências vividas no coletivo e também no individual de cada grupo de crianças. Após análise dos dados, foi possível obter a visão que se tem dos bebês nas escolas de educação infantil no contexto do município pesquisado. Embasam-se as reflexões nos atuais estudos sobre bebês no espaço acadêmico, acreditando nas suas potencialidades diante do cenário educacional, a busca pelo novo e a curiosidade que move os bebês para descobrir cada dia mais.

**Palavras chave:** Bebê. Educação Infantil. Espaços coletivos. Autonomia. Potencialidade.

## **ABSTRACT**

The present research is addressed to babies' education inside Children's Education schools and their relation with collective spaces. In this sense, it aimed at comprehending the view of teachers and managers in relation to conceptions of babies and space, besides analyzing the occupation of collective spaces by babies. The study approaches to issues regarded to babies such as specific age groups, nursery routine, autonomy, space organization, integration with other children and environments, offered possibilities, different languages and the use of collective spaces of the school. Moreover, it presents inspiring practices with babies in the occupation of all environments of the school. The concepts that support this research are based on theoretical basis of reflections of authors like Barbosa (2008, 2010), Horn (2004, 2015), Rinaldi (2012), Gandini (1999), Oliveira (2012), Fochi (2014) and Gobatto (2013), in addition to contributions coming from educational legislation in Brazil. The study was developed by observing and interpreting the experiences that emerged in the daily life of the nurseries of the Municipal Schools of Cruzeiro do Sul/RS, in a phenomenological nature of research, dealing collective and individual experiences of each group of children. After the data analysis, it was possible to obtain the view of babies in the children's education schools in the researched context. Reflections in current studies about babies considering the academic space have been underlain, believing in their potentialities on the educational setting, the search for innovation and the curiosity that moves babies to discover more each day.

**Key-words: Baby. Children's Education. Collective spaces. Autonomy. Potentiality.**

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>O COMEÇO DE TUDO: O DESEJO DE FAZER DIFERENTE.....</b>	<b>7</b>
1.1	MEMORIAL.....	9
<b>2</b>	<b>MEUS PASSOS PARA CONSTRUIR A PESQUISA .....</b>	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>16</b>
3.1	A caminhada da Educação Infantil até hoje.....	16
3.2	Estudos sobre os bebês e as relações com o espaço .....	18
3.3	A organização dos espaços para as crianças.....	20
3.4	Os bebês e a importância da utilização dos espaços coletivos .....	21
<b>4</b>	<b>O QUE OS BERÇÁRIOS TÊM A NOS DIZER? .....</b>	<b>17</b>
4.1	O bebê na visão dos gestores da Educação Infantil.....	17
4.1.1	Respeito e a potencialidade dos bebês .....	20
4.1.2	Sobre as diferentes linguagens dos bebês .....	22
4.2	O bebê na visão das professoras de Berçário.....	26
4.3	O espaço sob a visão da Gestão da Educação Infantil .....	31
4.3.1	Composição dos espaços: desafios, cuidados e segurança .....	32
4.3.2	Autonomia das crianças nos espaços .....	35
4.4	O espaço sob a visão das professoras de Berçário.....	38
4.4.1	Espaços além da sala de aula .....	42
4.4.2	As salas do Berçário .....	52
4.4.3	Bebês...Onde estão eles? .....	59
4.5	Reflexões colocadas em prática .....	70
4.6	O que os espaços sugerem?.....	74
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>77</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>79</b>

## **1 O COMEÇO DE TUDO: O DESEJO DE FAZER DIFERENTE**

Nestes 10 anos em que estou na Docência da Educação Infantil, muitos elementos chamaram a minha atenção e fizeram despertar o interesse em pensar mais sobre o tema central da presente pesquisa, seja este, o uso dos espaços coletivos pelas crianças de até 3 anos, principalmente os bebês, a ocupação destes, para além de sua sala de referência, a relação do estar dentro e o estar fora, ocupando os espaços internos e externos das instituições de Educação Infantil, entender as razões pelas quais os bebês saem tão pouco das salas e a forma de desenvolver a autonomia deles nos diferentes espaços.

Na Docência da Educação Infantil muitos temas se sobressaem como temática para o campo de pesquisa e, ao longo destes anos de docência, emergiram, durante as observações, questionamentos e estudos que fiz sobre a infância e a Educação Infantil. Sobretudo, como tema de interesse e estudo durante o curso de especialização em Docência na Educação Infantil, pela Universidade Federal de Santa Maria, destaco o trabalho com os bebês por me desafiarem, constantemente, a saber mais e conhecer este universo que é tão peculiar, além de minha experiência maior, enquanto docente, ser com crianças com até dois anos de idade.

Diante de tal motivação, acabei por me questionar, o que ainda hoje está latente, o motivo pelo qual muitas situações acontecem, ou melhor, não acontecem com os bebês no contexto de vida coletivo da Educação Infantil. Dentre as perguntas que se destacam estão: Será que as propostas educativas das escolas de Educação Infantil possibilitam esta liberdade, autonomia e utilização dos espaços coletivos pelos bebês? As estruturas da escola proporcionam ambientes de exploração para crianças menores? A área pessoal é suficiente para possibilitar estas vivências? A formação das docentes está de acordo com este novo olhar sobre o bebê? Como o clima pode interferir na questão da exploração dos espaços coletivos quando não há adaptação para as diferentes possibilidades climáticas?

Esta pesquisa se desenvolveu a partir da realidade vivenciada no município de Cruzeiro do Sul/RS, onde trabalho há 5 anos, 4 deles com crianças de até 3 anos. A qual possibilitou voltar o olhar para as 5 escolas de Educação Infantil, em funcionamento no município, durante o processo de desenvolvimento e coleta dos dados da pesquisa, buscando organizar um panorama da situação dos bebês nestas instituições de Educação Infantil. Dentre os elementos centrais da pesquisa, destacam-se: a exploração dos diferentes espaços coletivos pelos bebês, de que forma isto é planejado e quais são aprendizagens feitas pela criança.

Muitos destes questionamentos foram evidenciados em função de minha docência, no início da pesquisa, acontecer em uma Unidade do **Proinfância**, com crianças de 4 meses a 1 ano e meio. O que tornou urgente pesquisar, pensar e replanejar o uso dos espaços coletivos da escola, já que a estrutura da escola possibilitava uma proposta de trabalho, com os bebês, mais abrangente.

Assim, foram acompanhadas e registradas práticas onde os bebês estariam utilizando os espaços coletivos da escola, demonstrando as aprendizagens, as descobertas e as relações que fazem nos diferentes ambientes que frequentavam, tanto com os materiais, como com as outras crianças.

Através de observações feitas em grupos de crianças de diferentes faixas etárias, a partir da prática realizada com os bebês, durante este tempo, surge o problema da presente pesquisa. Assim, o tema se debruçou sobre o lugar dos bebês nas propostas de trabalho e de estudo, como também os espaços e possibilidades oferecidos a eles dentro das escolas de Educação Infantil do município. Desta forma, a pesquisa delineou-se a partir do seguinte questionamento: Como os bebês podem utilizar os diferentes espaços coletivos da escola infantil?

Algumas perguntas nortearam os aprofundamentos teóricos e a pesquisa, as quais são necessárias para se pensar sobre os bebês e os espaços das escolas infantis: Por que os bebês não saem muito da sala? Como eles usam os espaços da escola? A estrutura da escola está preparada para receber os bebês? De que forma desenvolver a autonomia dos bebês nestes espaços? De que forma o ambiente todo da creche pode ser modificado/ aprimorado para melhor atender este bebê? Qual a postura/ opinião de gestores e educadores dos bebês? O que e como os bebês estão aprendendo nesses espaços coletivos?

Pensando nisso o objetivo geral da pesquisa esteve centrado em: compreender qual o lugar dos bebês nas propostas de trabalho e de estudo, como também, os espaços e possibilidades oferecidas a eles nas escolas de Educação Infantil do município de Cruzeiro do Sul/RS. Para chegar a este objetivo delineou-se os seguintes objetivos específicos: identificar as concepções dos adultos das escolas de Educação Infantil de Cruzeiro do Sul sobre o espaço que os bebês devem ocupar na escola , analisar o lugar que os bebês ocupam nas escolas de Educação Infantil de Cruzeiro do Sul e verificar quais suas relações com os espaços na prática das instituições.



Nesse sentido, a presente pesquisa, partindo da ação e inserção docente cotidiana da pesquisadora, em uma das escolas de Educação Infantil do município, pretendia, conseqüentemente, potencializar as ações dos bebês através de práticas que vem ao encontro do uso dos espaços coletivos da escola de Educação Infantil em que atuava. Aliando à sua ação docente, os aprofundamentos teóricos abrangidos no decorrer da pesquisa, dentre eles Barbosa (2010), Sarmiento (2013), Fochi (2014), DCNEI (BRASIL, 2009), e as reflexões elencadas a partir das observações e entrevistas realizadas.

Para tanto, a monografia foi organizada partindo do referencial teórico, no qual foram evidenciadas as subdivisões da temática de pesquisa, primeiramente, com uma breve retomada histórica acerca da Educação Infantil; alguns estudos sobre os bebês e as relações com o espaço; formas de organização dos espaços para os bebês e a importância do uso dos espaços coletivos por eles; a visão dos professores e gestores em relação às concepções de bebê e espaço; a potência que os bebês possuem e suas diferentes linguagens; os desafios, o cuidado e a segurança que estão envolvidos os Berçários; o relato sobre a presença dos bebês nos diferentes espaços da escola, as relações com o espaço da sala de aula e as possibilidades dos outros lugares dentro da escola infantil.

## **1.1 MEMORIAL**

Nasci em uma cidade bem pequena, em região rural, chamada Canudos do Vale, com poucos vizinhos e, conseqüentemente, poucas crianças para brincar, sendo estas vizinhas e primos. Por ser 9 anos mais nova que minha irmã, acabávamos por não brincar, e nossa relação resumia-se a necessidade de ela cuidar de mim desde bebê, em função de meus pais serem agricultores e trabalharem fora de casa grande parte do dia.

Até os sete anos de idade vivi neste lugar, no qual frequentava a escola somente alguns dias por semana. Lembrando que na época não era obrigatória a matrícula antes dos sete anos.

Desta forma, não frequentei formalmente a Educação Infantil. Durante este período estive em casa sob cuidados de minha irmã e de meus pais, os quais, por vezes, acompanhava na sua lida diária. Por isso, minhas brincadeiras eram as mais variadas e conectadas a natureza. Dentre minhas memórias da pequena infância não há brinquedos, não lembro de

nenhum em exceção de brincadeiras com bolos de barro, pega pega e esconde-esconde, eram os mais divertidos.

Ao completar sete anos, mudamos de cidade, Cruzeiro do Sul , um pouco maior e mais povoada mas ainda em região rural. Ali a adaptação foi difícil pois precisava ir todos os dias para a escola. Sempre adorei estudar mas tudo era novo para mim, o que fazia com que eu ficasse mais quieta durante as aulas, escutando muito e falando pouco. Não diferente eram as brincadeiras pois lembro de estar sempre preocupada em ser comportada já que assim havia aprendido com meus pais. Enquanto isso, minha irmã cursava Magistério e sempre trazia coisas das aulas dela para mim. Achava tudo aquilo muito maravilhoso! E desde muito pequena dizia que queria ser professora quando crescesse.

O tempo passou e, ao final da 4ª série, aconteceu nova mudança de escola mas agora para o centro da cidade. Houveram novas adaptações, novos amigos e o meu gosto por estudar continuava a crescer, além da preocupação em ser sempre obediente e correta no que fazia.

Lembro, ainda, que muitos professores foram marcantes no Ensino Fundamental, alguns pelas suas palavras, outros pelos gestos, e outros pela maneira de agir com a turma de alunos. Muitos colegas se “perderam” neste caminho de estudos mas eu sempre pensava *“Tenho que estudar bastante para ser alguém na vida”*. A cada elogio que recebia dos professores, mais eu me empenhava em fazer mais e melhor.

Ao final do Ensino Fundamental veio a grande dúvida, uma escolha a ser feita aos 14 anos de idade que poderia mudar o rumo da minha vida: cursar o ensino médio ou o Curso Normal? Mas para optar pelo Curso Normal, seria preciso partir para outra cidade, bem maior do que estava acostumada, e além disso, minha ida seria solitária pois nenhum dos colegas tinha interesse em cursar o Magistério. Meus pais sempre me deixaram livres para escolher e então optei por fazer o Curso Normal na única Instituição Pública da região.

Então, mais uma vez, parti para outra cidade, Lajeado, outra escola, agora muito maior que as outras e, além de tudo, sozinha. Mas ao chegar no colégio percebi que muitas, como eu, estavam lá, novas em idade mas preparadas para encarar uma longa jornada de estudos. Durante os 4 anos e meio que estive cursando o Magistério muitos colegas vieram e muitos outros não aguentaram a longa caminhada e acabaram desistindo. Pensava sempre que era necessário muita vontade, determinação e dedicação para nos formarmos professoras pois a

escola onde estudava fazia muitas cobranças, as quais até pensava não serem tão necessárias na época.

Ao cursar o 3º ano do Curso Normal, no ano de 2007, tive a oportunidade de iniciar a minha prática em sala de aula, na Educação Infantil, como estagiária. Neste momento da minha vida, aos 17 anos de idade, me deparava com o grande desafio de educar crianças tão pequenas. Os dois anos de estágio em uma escola privada foram importantes e decisivos para minha formação, pois pude fazer constatações, comparações, levantar questionamentos e também, duvidar de muitas coisas que escutava nas aulas do curso normal. Essa prática dialogava com a teoria que tínhamos em sala de aula e, por muitas vezes, os questionamentos às minhas professoras eram muitos pois tentava entender como podíamos fazer tudo aquilo que falavam em aula lá no chão da sala, junto às crianças.

A partir de então, iniciei uma caminhada por essa maravilhosa etapa, denominada Educação Infantil, sendo esta a minha área de trabalho no decorrer dos anos seguintes. Nos lugares em que estive inserida enquanto profissional da educação, busquei colocar em prática tudo aquilo que aprendi nas aulas e o que lia nos livros. Percebia, às vezes, que o melhor era deixar tudo de lado e se deixar levar pela alegria e genialidade das crianças pequenas. Muito aprendi com a experiência e, das coisas que vivenciei, muitas não estavam em meus cadernos ou nos livros que li, por isso, precisava usar a minha intuição e as experiências das pessoas que estavam comigo.

Ao terminar o Curso Normal não tive dúvida do curso que iria cursar na Universidade e então optei pela Pedagogia. Ao atuar diretamente com crianças pequenas desde minha primeira experiência, não me via trabalhando com os Anos Iniciais mas ao fazer concurso para tal etapa fui nomeada e encarei o novo desafio. Então, concomitantemente, atuava na Educação Infantil e no outro turno, nos Anos Iniciais. Ambas as etapas me desafiavam, cada uma com suas especificidades mas a Educação Infantil fazia meus olhos brilharem pois lá eu podia criar, viajar, modificar, inovar muito mais que no Ensino Fundamental, o qual ao meu ver, era muito metódico e rotineiro.

Ao atuar desta forma durante dois anos acabei percebendo que não poderia continuar nos Anos Iniciais pois estava me frustrando ao me deparar com uma realidade diferente daquela que tive contato a vida inteira e que considerava uma vida de alegria, jovialidade, brincadeiras, descobertas, magia e encantamento, sentimentos que só conseguia observar na Educação Infantil.

Ainda residindo em Cruzeiro do Sul, decidi buscar novos caminhos e larguei o concurso no qual atuava nos Anos Iniciais e parti para a Docência em uma escola privada de Educação Infantil, a qual trazia consigo uma metodologia diferenciada a qual me atraía muito, na cidade de Lajeado. A partir de então me realizei por me ver imersa entre o mundo das crianças pequenas, em realidades diferentes pois passei a atuar em escola pública e particular.

Amadureci pessoal e profissionalmente, e minha ação docente para com as crianças era a comprometida em ambas as escolas, pois na escola pública eu lutava por fazer o diferente num espaço que em alguns momentos não possibilitava isso, entretanto, isso não era motivo para que eu deixasse de acreditar numa educação diferente. Na escola particular, a experiência vivida foi intensa e gratificante pois muitas das minhas ideias e idealizações puderam ser colocadas em prática.

Neste ir e vir dos meus caminhos profissionais, tive a oportunidade de ingressar no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, no ano de 2014. Construí muitas aprendizagens durante o curso, assim como muitas relações, muitas experiências foram trocadas e uma visão de Educação Infantil que eu sempre busquei se abria a minha frente, desafiando o que temos hoje no campo educacional para esta etapa.

Meu desprendimento maior ocorreu no momento de realizar o trabalho final de curso, no qual queria me dedicar ao máximo a pesquisa a ser realizada no município onde morava e atuava profissionalmente. Para que isso fosse possível, deveria escolher entre o profissional e o acadêmico pois dedicar tempo e esforços para fazer uma boa pesquisa necessitava de tempo. Foi então que escolhi a pesquisa acadêmica e, para tanto, tive que parar de trabalhar meio turno, o qual atuava na escola particular.

Desta forma, pude dedicar mais tempo aos meus estudos, os quais sempre tive o desejo de compartilhar com outros professores e estudantes. Enquanto realizava a pesquisa, fui convidada a assumir a gestão de uma nova escola de Educação Infantil no município. Aceitei este novo desafio com muita alegria, mas também com um pouco de ansiedade, pois assumir a gestão de uma escola infantil é um compromisso muito importante perante todos: crianças, famílias e sociedade. Concluí minha pesquisa nesta nova função mas nem por isso deixei de ver a pesquisa também como professora que sou e sempre serei.

## 2 MEUS PASSOS PARA CONSTRUIR A PESQUISA

A presente pesquisa, de cunho qualitativo, envolveu, como foco principal, a análise acerca das concepções sobre os bebês e os espaços, e a relação entre ambos. Segundo Minayo (2010):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Nesse sentido, acreditou-se que a pesquisa qualitativa vem ao encontro da forma de analisar os dados da pesquisa, os quais não podem ser quantificáveis, já que tratam de dados não mensuráveis e sim, de processos, ações e conceitos a respeito do tema central, seja este os bebês e seus lugares nas escolas de Educação Infantil, desenvolvido na monografia.

A pesquisa realizou-se no município de Cruzeiro o Sul, envolvendo como população da mesma, as cinco Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI), com foco nas turmas de Berçário das referidas escolas, as quais serão identificadas como EMEI-a, EMEI-b, EMEI-c, EMEI-d e EMEI-e. Inicialmente, foi feito um mapeamento do município em relação as escolas que oferecem a Educação Infantil, sendo que das doze escolas municipais, cinco são de Educação Infantil. Verificou-se que uma turma de Berçário se faz presente em cada uma das cinco escolas de Educação Infantil.

O número de crianças atendidas na Educação Infantil é de 318, segundo dados do mês de Abril da Secretaria de Educação. Destas crianças, 119 encontram-se na faixa etária entre 0 a 2 anos de idade, a qual foi contemplada na pesquisa. Em função de a composição das turmas ser diferente em cada escola, as faixas etárias mudam em cada turma, mas analisando todos os Berçários, há 72 crianças somente nas turmas designadas com essa nomenclatura. Nesse grupo encontram-se crianças de 4 a 18 meses de idade.

Após este primeiro mapeamento, foram organizadas entrevistas com os gestores das escolas de Educação Infantil e com um dos professores de cada turma de Berçário, buscando perceber suas concepções de bebê, espaço e o lugar dos bebês na sua escola. As entrevistas com os professores foram feitas após a entrevista com a gestora pois assim pude construir relações dentro de cada escola. Depois, foram necessárias observações das turmas de Berçário das cinco EMEI's para verificar os lugares ocupados pelos bebês, como são estes lugares, o

que eles possibilitam a eles, o que o espaço e a sua organização proporcionam. Além disso, fez parte desse momento, conhecer um pouco sobre a rotina desses bebês, a estrutura da escola e a organização da sala de berçário, assim como, a organização geral da mesma.

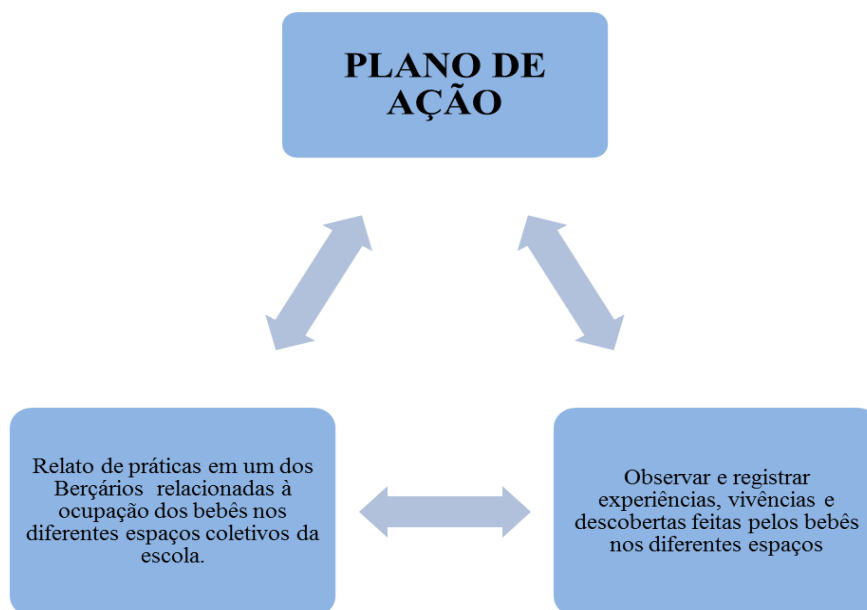
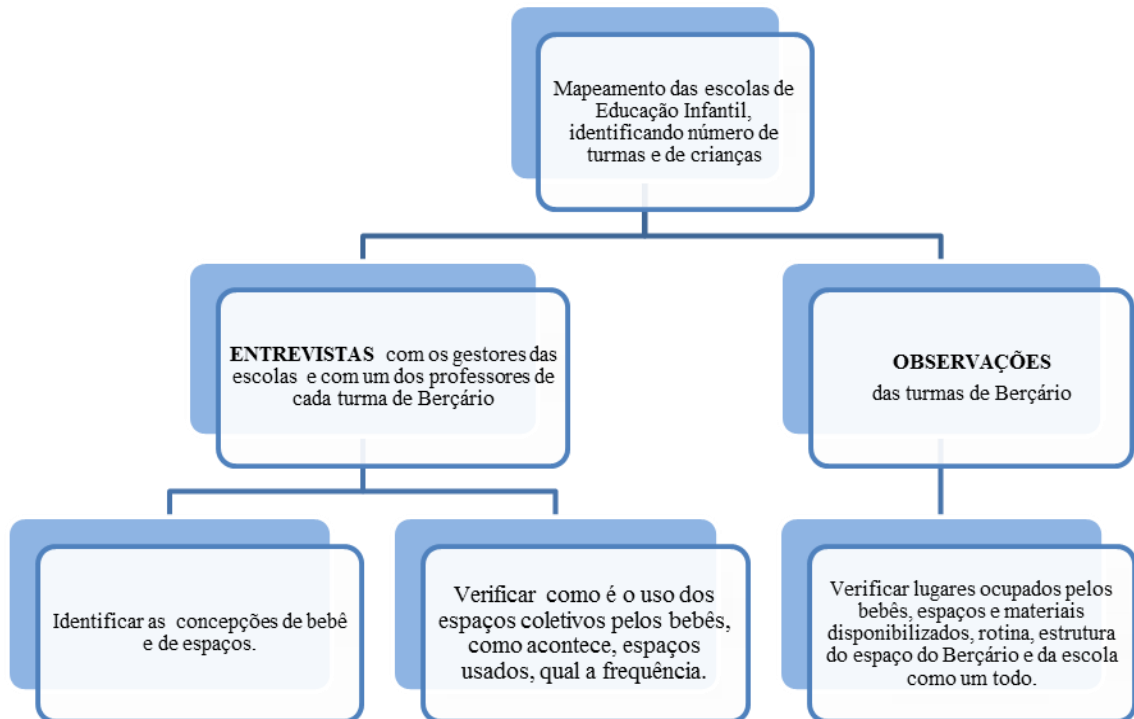
Essas observações, registradas através de fotografias, vídeos e escritas da pesquisadora em diário de campo, foram imprescindíveis para a análise do cotidiano dos bebês numa escola de Educação Infantil.

A opção por realizar primeiramente as entrevistas justifica-se pois foi possível observar, com os dados obtidos nelas, alguns pontos conhecidos a respeito da turma e da concepção que se tem sobre os bebês, sendo os mesmos utilizados no momento da observação.

Para a realização das observações foi necessária autorização dos pais para uso dos dados (imagens, gravações, vídeos) e, para tanto, organizou-se um Termo de consentimento livre e esclarecido em três escolas, sendo que em duas já havia esta autorização por parte dos pais. Após a assinatura no Termo de Consentimento, as observações foram iniciadas. Os nomes dos gestores e educadores não foram utilizados na pesquisa, sendo substituído pelas iniciais da função que ocupam. Neste caso, os gestores estão indicados pela sigla “gest” e os professores por “prof”.

O tipo de pesquisa utilizado neste estudo foi a fenomenológica, que segundo Dutra (2002, p.372) se encaminha na direção da experiência, “uma vez que tal perspectiva enfatiza a dimensão existencial do viver humano e os significados vivenciados pelo indivíduo no seu estar no mundo”. Ao estudar o dia a dia dos bebês, a pesquisa ocorreu através das suas experiências, das suas vivências, onde o pesquisador é ouvinte desta realidade, sendo “ que ele procura entrar no mundo do informante, para ter pleno acesso as suas experiências” (TERRA *et al.*, 2006, p.675) . A análise dos dados ocorreu concomitante à coleta dos dados.

Ao final da investigação e da recolha dos dados, e em função da característica do curso de especialização ao qual esta monografia está vinculada, foram organizadas práticas relacionadas à ocupação dos bebês nos diferentes espaços coletivos em uma das escolas de Educação Infantil do município, observando e registrando as relações e experiências dos bebês.



Roteiro de análise da pesquisa.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 A caminhada da Educação Infantil até hoje

Nos últimos anos a imagem de infância e criança vem transformando-se nas esferas públicas e privadas. A Educação Infantil, compreendida como o atendimento de crianças de 0 a 5 anos vem fortalecendo-se a partir das diversas legislações que vieram ao encontro dos direitos das crianças e seu espaço na sociedade.

No ano de 1959, as Nações Unidas criou a Declaração Universal dos direitos da Criança a qual traz em seu texto 10 princípios visando que a criança tenha uma infância plena e que possa gozar, em seu próprio benefício e no da sociedade, os direitos e as liberdades ali enunciadas (UNICEF, 1959).

A Educação Infantil é um direito da criança, o qual está explícito na Constituição Federal (BRASIL, 1988), onde estabelece como “dever do Estado por meio dos municípios, garantia à Educação Infantil, com acesso para todas as crianças de 0 a 5 anos a creches e pré-escolas” (BRASIL, 2006). Logo após a promulgação da Constituição Federal, no ano de 1990 temos a lei nº 8069, que trata do Estatuto da Criança e Adolescente (BRASIL, 1990), o qual trata da proteção integral a criança e ao adolescente.

Anos mais tarde, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) resgatou, em seu artigo 4º, que o dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de “[...] educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade” (BRASIL, 2013).

Nessa mesma direção, às novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2009) creditamos muitas das conquistas atuais da Educação Infantil. Com elas obteve-se um olhar amplo para a Educação Infantil, desde as concepções de infância e criança. Podemos nos ancorar, teoricamente, para trabalharmos da melhor forma com as crianças pequenas, tendo padrões norteadores para nossa prática pedagógica.

Entretanto, precisamos ter consciência de que nem sempre foi assim. A história da Educação Infantil foi permeada por intenção de guarda e abrigo das crianças, assistencialismo e atenção voltada às famílias trabalhadoras (MOYLES, 2010). Mais especificamente no que se relaciona as turmas de berçário, podemos destacar, historicamente, por serem lembradas de forma diferente, e o lugar que os bebês ocupam é menor que de outras faixas etárias. Por se



pensar que estes necessitam de cuidado e proteção, ficam a maior parte do tempo dentro das salas.

Nas escolas da pequena infância, geralmente, os bebês são vistos como crianças que não conseguem interagir com os outros, sem curiosidade e as escolas não se engajam em propostas qualificadas de educação de bebês. O lugar específico dos bebês ainda está, como eles, engatinhando, ainda mais no nosso país onde não há uma cultura totalmente estabelecida em relação a essa prática. Sobre isto, Ortiz e Carvalho (2012, p. 19) mencionam que:

Creches e pré-escolas tiveram origens completamente diferentes. Enquanto as pré-escolas já nasceram no bojo da educação, a partir das ideias de Froebel, na Alemanha em 1860, as creches nasceram da iniciativa privada, tanto na Europa como no Brasil... As creches surgiram como uma demanda do próprio capitalismo, como forma de preservar a criança filha de famílias trabalhadoras, com necessidade de organização social frente à expansão dos centros urbanos e a necessidade da mãe trabalhadora.

Nos dias de hoje esta etapa da educação faz parte do cotidiano da sociedade e não se pode mais ser vista somente com viés de cuidado e assistencialismo, e sim como direito de toda criança, direito de viver e ampliar seus espaços de socialização.

Ao realizar uma busca teórica nos estudos acadêmicos mais recentes de algumas universidades como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Pontifícia Católica (PUC), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Psicologia de São Paulo, Universidade de São Paulo (USP), notou-se a carência de trabalhos mais voltados a primeira infância, dos 0 aos 3 anos de idade. Mais raros ainda são aqueles que se referem aos bebês. Algumas poucas pesquisas, como a de Gobatto (2011), Fochi (2013), Prado (2006), Vargas (2014), debruçaram-se a estudar esta fase tão fascinante da vida, e utilizando estes estudos e pesquisas pode-se construir muitos conhecimentos sobre os bebês.

De acordo com o Relatório de Práticas Cotidianas na Educação Infantil - Bases para a Reflexão sobre as orientações curriculares organizado pelo MEC e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (BRASIL, 2009) as pesquisas no campo educacional sobre a pedagogia para a educação de bebês e crianças bem pequenas em ambientes coletivos e formais são recentes no país e quase inexistem publicações que abordem diretamente a questão curricular nesse primeiro nível da educação básica.

Fochi (2013), em dissertação de mestrado, ressalta que, quando falamos em crianças menores de 3 anos, nota-se que o acesso delas a escola está ocorrendo mais cedo e isto

influencia várias questões, como tempo, infraestrutura, perfil de profissionais, itens que exigem uma elaboração pedagógica que dê suporte à especificidade e condições para que as crianças criem hipóteses, experimentem e deem sentido ao mundo. De acordo com Goldschmied e Jackson (2006, p. 13), “apesar dos grandes avanços em nosso conhecimento acerca de como um bebê se desenvolve desde antes de seu nascimento até a maturidade, neste país estamos ainda longe de dar sério reconhecimento à importância dos primeiros três anos”.

Diante destes fatos o presente trabalho traz um referencial teórico voltado a educação de bebês e a maneira pela qual ocupam os espaços coletivos dentro das escolas, a importância da organização do espaço, planejamento das situações e a necessidade da presença desta fase nos diversos espaços, ambientes das escolas infantis.

### **3.2 Estudos sobre os bebês e as relações com o espaço**

A forma como as intuições de Educação Infantil foram organizando-se demonstra que sua função vai além de situar-se apenas como lugar das aprendizagens direcionadas às crianças, mas também, como estabelecimento de natureza pública e coletiva. Como Fochi (2014, p. 24) menciona, “a escola, enquanto contextos de vida coletiva, é entendida como lugar da vida, tecido por vários fios juntos e em conjunto”.

Recentemente as produções acadêmicas no campo da Educação Infantil, mencionadas anteriormente, vêm desenvolvendo estudos que buscam demonstrar a capacidade de comunicação e interação dos bebês com outras pessoas. Pesquisas recentes como Gobatto (2011), Fochi (2013), Vargas (2014), Prado (2006) apontam que os bebês são ativos: iniciam ações, procuram o outro através do olhar, do gesto, do toque, do choro. Utilizam-se de diversas linguagens para se comunicar e interessam-se pelo mundo desde seu nascimento. Assim também sugerem Ortiz e Carvalho (2012, p. 157):

O bebê se comunica com o corpo, gestos, olhar, assim como pelo choro e as diferentes vocalizações pré-verbais. Toda sua vinculação com a mãe e adulto cuidador se dá por meio das linguagens das quais ele vai se apropriando conforme se desenvolve e caminha em seu processo de constituição psíquica (...) O corpo fala, os olhares falam, o riso fala, o choro fala, as mudanças de comportamento falam. Sem ainda se utilizar das palavras, o bebê “fala”, se comunica, nos contando quando sente fome, dor, quando está satisfeito, quando descobre algo interessante, quando alguma coisa nova acontece. São os primeiros sinais

comunicativos da criança que se modificam com o tempo e com os quais o bebê é capaz de se comunicar enquanto desenvolve sua capacidade cognitiva.

Pensando em bebês, crianças que há algum tempo atrás na história da educação eram vistos como aqueles que não falavam, não se comunicavam, não tinham sentimentos, desejos e opiniões é preciso buscar novos conhecimentos sobre os bebês, sobre suas características, formas de descobrir o mundo, suas capacidades. Hoje sabe-se que eles possuem um potencial, o qual ainda é pouco explorado dentro das escolas infantis brasileiras.

Trabalhar com bebês é difícil e complexo. É necessário, para isso, muito mais do que simplesmente gostar de criança. Significa ficar durante uma jornada inteira de trabalho ( que varia em média, de seis a doze horas) cuidando dos bebês, tanto em termos de suas necessidades básicas, como desenvolvendo propostas pedagógicas. Além disso, é preciso paciência para as situações corriqueiras que ocorrem com os bebês e crianças pequenas, como o choro, a birra e outras reações, estabelecendo limites e demonstrando atenção e carinho. E tais exigências em relação às educadoras são ainda maiores durante o período de adaptação quando os bebês estão mais sensíveis e vulneráveis (RAPPORT, 2008, p. 20).

Há estudos, pesquisas que indicam que os bebês saem muito pouco das sala, não utilizando os espaços coletivos da escola infantil, como as outras crianças de idades mais elevadas fazem. Apresenta-se neste momento uma contradição pois ao mesmo tempo que a inserção da criança na escola é um direito assegurado por lei, colocamos os bebês num processo de convivência isolado, não relacionando-se com outras crianças e espaços.

A pesquisadora Carolina Gobatto(2011), em dissertação de Mestrado com o título “Os bebês estão por toda parte”, fala que a invisibilidade e o não lugar que os berçários têm ocupado no coletivo das instituições alerta para este fato das poucas saídas dos bebês, e entre os motivos está a ideia de cuidado e proteção dos bebês que vem fazendo da sala o lugar exclusivo para suas aprendizagens. Nas escola os bebês ainda são vistos como seres incapazes de interações, não há propostas pedagógicas voltadas exclusivamente a eles, nem se reconhece a necessidade da Educação Infantil como um espaço qualificado.

O adulto, habituado a linguagem falada, encontra dificuldades para compreender outras formas de comunicação e expressão, que, no caso das crianças pequeninhas, são os olhares, os toques, os gestos, o choro, os sorrisos, os balbucios. Na maioria das vezes, o que ocorre com os profissionais envolvidos no trabalho com os bebês é

isto: não conseguem perceber estes sinais comunicativos, tão complexos (OSTETTO, 2008, p.42).

Ao percebermos estas formas de linguagem, o bebê é visto de outra forma, como ator social, sujeito de direitos e formador de cultura, o qual é muito potente e demonstra isso através das ações cotidianas. Mas para isso, é necessário do educador um olhar atento e uma escuta sensível à tudo que esta criança está fazendo.

### **3.3 A organização dos espaços para as crianças**

Para se pensar no uso dos espaços pelos bebês é preciso fazer referência à importância da organização dos espaços na Educação Infantil, o qual proporciona ricas aprendizagens, possibilita vivências que marcam o desenvolvimento das crianças pequenas. Os espaços são cenários importantes, disparadores de possibilidades dos fazeres dos bebês no cotidiano. São um elemento pedagógico na educação da primeira infância. Assim também afirma Oliveira (2012, p.82):

O espaço constitui importante elemento na relação de aprendizagem, o que reforça a importância de refletir sobre ele, planejá-lo e aperfeiçoá-lo... Ter um espaço organizado para as crianças, do qual elas se sintam realmente apropriadas e onde estejam seguras, amplia as possibilidades de interações variadas, prolongadas, estimulantes, afetivas, com diferentes parceiros, influenciando o desenvolvimento de sua atividade criativa. O espaço é assim considerado um elemento educador para as crianças.

Os espaços da Educação Infantil devem ser seguros, com o intuito de preservar a saúde física das crianças; ser arejado, iluminado adequadamente com móveis adaptados, cores adequadas e espaço físico suficiente, que permita sua movimentação. Que possibilitem à criança ter momentos em grupo, mas também que fique sozinha, se assim o quiser. Espaços que promovam a interação criança/criança e criança/adulto. Horn (2004, p.29) destaca que “o espaço é planejado e estabelecido para facilitar encontros, interações e trocas entre as crianças, garantindo o bem estar de cada uma e do grupo como um todo”.

O cotidiano dos Berçários se dá, na sua grande maioria, dentro das salas de aula, mas é preciso pensar a ocupação dos bebês para além dos limites da sala de aula e fazer com que

aconteça nos espaços coletivos da escola. É necessário que se investigue como os bebês utilizam os espaços coletivos da escola, quais são as vivências que possuem nestes espaços e quais as implicações deste estar nos lugares diante do coletivo da escola infantil. As autoras Goldschmied e Jackson (2006, p.41) expõe que,

Ao planejar o espaço disponível visando ao melhor uso possível, um bom exercício é observar os movimentos das crianças cuidadosamente em períodos diferentes do dia. Muitas vezes podemos identificar uma “área sem uso” para onde, por alguma razão, as crianças não vão tanto, aumentando a aglomeração em outras partes da sala. Uma vez que essa área seja reconhecida, pode-se estimular o uso desse espaço, tornando-o mais acessível, ou nele colocando materiais para uma atividade mais conhecida entre as crianças.

Um ambiente educativo para crianças de creches, deve respeitar a pedagogia das relações, de bebês e crianças pequenas que conquistam experiências ricas em um mundo de afetividade, de relações positivas e desafiadoras, de fantasias e encantamentos. Contato entre crianças da mesma idade, de idades diferentes, de crianças e adultos, da escola com as famílias e membros da comunidade, integram este mundo de relações (BRASIL, 2012).

Partindo do entendimento que as crianças também aprendem na interação com seus pares, é fundamental o planejamento de um espaço que dê conta disso, permitindo que, ao conviver com grupos diversos, a criança assuma diferentes papéis e aprenda, de acordo com Horn (2004,) a se conhecer melhor.

### **3.4 Os bebês e a importância da utilização dos espaços coletivos**

No que concerne aos ambientes/espaços coletivos da escola da pequena infância a serem utilizados pelos bebês, sabe-se que são específicos a cada escola, mas dentre eles, identifico o pátio, a entrada da escola, os corredores, as diversas salas de aula, biblioteca, sala de recreação, jardim, entre outros espaços que as instituições possuem. Todos eles possuem a capacidade de interagir com os bebês através de suas formas, texturas, tamanhos e objetos colocados a disposição. O bebê é curioso e investigativo e está disposto a fazer descobertas a todo o momento. Assim, irá ocupar o ambiente da forma que melhor lhe agrada. Como afirma Cairuga (2015, p. 153) “o ambiente dos bebês na escola deve ser pensado com o

propósitos amplos, que vão além da dimensão material, constituindo-se a parit das relações entre as pessoas, seus sentimentos, ideias, interesses e ações [...]”.

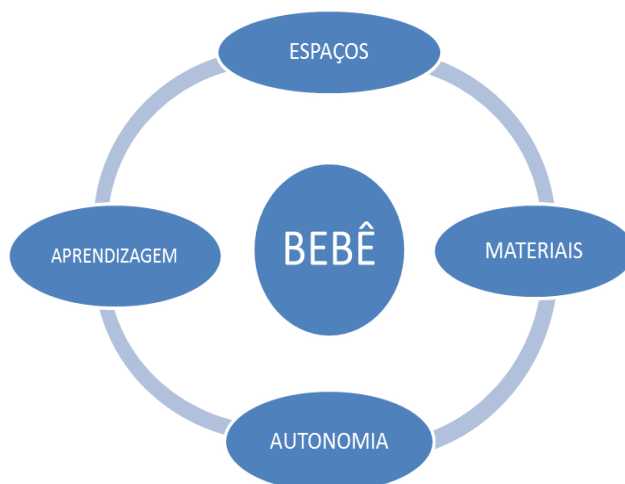
No manual *Brinquedos e Brincadeiras na Creche* (BRASIL, 2012, p. 12), organizado pelo MEC, está claro que:

Não se pode esquecer que as relações também acontecem entre crianças e os objetos, os brinquedos, os materiais, o mobiliário, o parque, as áreas internas e externas, o edifício e suas condições de iluminação, temperatura, ventilação e acústica e seus níveis de conforto. Para educar as crianças, as pessoas (pais, professores, equipe) precisam saber traduzir esses conhecimentos em um ambiente educativo, composto também por materiais e brinquedos.

É partindo dessas informações que se deve definir a proposta educativa. Ter a clareza de que os bebês são seres que já têm vontade, têm consciência sobre o que querem, sabem decidir e comunicar o que querem. Ingressam no mundo da cultura por meio de interações com as pessoas e objetos e utilizam seu poder de decisão, seu corpo e os canais do conhecimento, que são seus órgãos sensoriais (o tato, o paladar, o olfato, a audição e a visão) para explorar esse mundo, ampliando suas experiências por meio do uso intencional do corpo, das mãos, pés e movimentos e utilizam seu ato voluntário para investigar esse mundo. Desta forma, fazem uso dos espaços onde se encontram para ampliar seus horizontes.

A associação de ambientes internos (sala de atividades) com os espaços externos (pequenos parques junto às salas) possibilita à criança autonomia para entrar e sair durante determinado momento do dia, de acordo com a atividade e a proposta curricular da instituição. Localizar-se próximo a um parque pode fazer diferença nas atividades cotidianas de um berçário; para a criança, “ abre a possibilidade de estar ao ar livre e de ter mais espaço para brincar; para a professora, significa dispor de recursos que a auxiliem na realização de um trabalho de qualidade que integre espaços internos e externos” (BRASIL, 2012, p. 36).

Sair significa olhar a vida, sair do espaço protegido de si mesmo e ir em busca do contato com o outro. Sair significa diversificar as aprendizagens, aprender conhecer os objetos da natureza: pedras, paus, folhas, água, areia, bichinhos do jardim, um campo de investigação (ORTIZ E CARVALHO, 2012, p.76).



Relação criada a partir da exploração de espaços e materiais.

Gandini(1999) citado por Horn (2004) nos diz que as crianças devem sentir que toda a escola, incluindo espaços, materiais e projetos, valoriza e mantém sua interação e comunicação. O espaço não deverá ser somente um local útil e seguro, mas também deverá ser agradável e acolhedor, revelador das atividades que nele as crianças protagonizam. Assim, as paredes, as disposições da sala de aula, dos corredores e das aberturas e todo o resto expressam uma concepção de educação em que o desenvolvimento da autonomia e o acolhimento às crianças andam juntos.

Para se pensar e aplicar uma prática que leve em conta a ação direta dos bebês, como agentes protagonistas de suas aprendizagens, levando em conta que se comunicam com o mundo desde o nascimento, precisa-se que se faça uma reflexão sobre a imagem que se tem da criança, o quão criativa, potente e construtora de teorias ela se mostra. Nas palavras de Malaguzzi (*apud* RINALDI, 2012, p. 156):

Uma imagem da criança que, desde seu nascimento, se encontra tão engajada no desenvolvimento de um relacionamento com o mundo e tão desejosa de experimentar este mundo que chega a criar um sistema complexo de habilidades, aprendendo estratégias e formas de organizar os relacionamentos.

Acredita-se que pensando nesta imagem de criança utilizando os estudos até aqui feitos é possível iniciar um processo de mudança nos Berçários brasileiros, possibilitando mais experiências aos bebês e incluindo-os nas propostas pedagógicas das escolas. Além disso, planejando-se melhores formas de participação dos bebês nos espaços coletivos das instituições de Educação Infantil.

## 4 O QUE OS BERÇÁRIOS TÊM A NOS DIZER?

### 4.1 O bebê na visão dos gestores da Educação Infantil

Em uma escola de Educação Infantil a Gestão Escolar tem um papel fundamental perante a concretização da proposta pedagógica e do trabalho cotidiano com as crianças. Uma de suas atribuições é acompanhar o trabalho ocorrido dentro da instituição infantil, envolvendo crianças, professores e pais. A partir da posição da gestão perante a equipe, o envolvimento com todas as práticas voltadas à Educação Infantil e sua predisposição a descobrir e a estudar cada vez mais sobre o assunto é possível incentivar quem convive com ele.

A atuação profissional do gestor escolar deve contemplar a “capacidade de acompanhar, subsidiar, apoiar, monitorar e avaliar todos os programas, projetos e atividades em desenvolvimento na Unidade Escolar de forma comprometida com a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos” (Portal Educação, 2012, p.24).

Como gestor de uma escola para bebês é importante analisar o que ele pensa sobre este sujeito que a cada dia vem tomando seu espaço dentro da instituição infantil. Assim, poderá participar mais ativamente nas situações cotidianas ocorridas dentro dos ambientes escolares.

No que tange a concepção de bebê, de maneira ampla, os gestores, das escolas de Educação Infantil do município em estudo, possuem algumas afirmações semelhantes em relação a concepção de bebê. E, em algumas dessas, ficam evidenciadas a realidade atual dos bebês dentro de estudos acadêmicos, como no relato de uma das gestoras “*de certa forma, essa visão vem mudando ao longo dos anos. Os estudos e as pesquisas tem se voltado mais para essa faixa etária. Então, aquela criança passiva, que recebia ordens ou que era manipulada pelo adulto, já não existe mais*” (Gest. 5).

Evidenciou-se nas falas de todas as gestoras a dependência que o bebê tem do adulto, que é um “ser” muito pequeno e que depende muito dele, o qual precisa ser estimulado e cuidado constantemente. Além disso, é visto como sujeito inserido numa cultura, ou seja, em suas palavras “*eles são sim sujeitos históricos, sujeitos de direitos e que tem sim muitas especificidades*” (Gest. 5). Outra narrativa que evidencia este fato é a da Gest. 1, que expõe: “*todos trazem uma bagagem, um aprendizado, são diversas formas de desenvolvimento*” (Gest. 1).



Nesta perspectiva, sugere-se que o bebê traz consigo uma cultura advinda de seu ambiente familiar repleto de concepções a respeito do mundo e da vida, trazem suas crenças e suas características. Mas esse mesmo bebê também cria uma nova cultura em relação com outras crianças, adultos e nos espaços que povoa, sendo imprescindível que pensemos nisso enquanto educadores. Segundo Sarmiento (2013, p.133):

[...] pensar as instituições educativas como um lugar de encontro de culturas [pois]As crianças são sujeitos de cultura. As culturas infantis são esse lugar onde as crianças, pela interação com seus pares e com os adultos, constroem processos de simbolização do mundo e com eles estruturam a sua relação com o mundo e com os outros e desenvolvem a sua ação.

A cultura infantil é formada a partir das relações que se criam entre crianças, nos diferentes espaços, envolvendo todo um contexto, como afirma Barbosa (2008, p. 8) “crianças em variados tempos e espaços viveram a sua experiência de infância de modos muito diferenciados”. Essa diversidade está presente no cotidiano da escola e faz com que o trabalho com os bebês seja múltiplo em relação a forma que nos relacionamos com eles.

Na visão de algumas das gestoras entrevistadas, os bebês nesta faixa etária absorvem tudo que vêem, são ativos e, por isso, precisam ser estimulados, e que sejam oportunizadas possibilidades de vivências à elas nos mais diferentes sentidos. Na fala da Gest 1 “*quanto mais informações passamos (aos bebês), mais conhecimento eles terão*”. Assim, de acordo com Sarmiento (2013, p.144), “organizar a educação da infância como um campo de possibilidades significa, prioritariamente, estruturar o projeto político pedagógico a partir das realidades sociais e culturais das crianças”, partindo sempre da perspectiva de que precisamos nos debruçar sobre as necessidades das crianças, aliado àquilo que transpassam cotidianamente como curiosidade.

Assim, o trabalho da escola de educação infantil deve estar baseada numa proposta pedagógica que pense nas infâncias de hoje, e em como proporcionar momentos significativos à elas. Essa organização deve levar em conta todos os pressupostos presentes na proposta da escola, principalmente o que diz respeito a essa oferta de possibilidades que é necessária ser dada às crianças pequenas, para que assim se desenvolvam com autonomia, de forma tranquila e integral.

Algo imprescindível na educação de bebês também é a afetividade, o cuidado e atenção, ações estas observadas como importantes no cotidiano de um Berçário. São nestes

espaços que o bebê dá início a sua caminhada para a socialização, o que se torna evidente nas falas seguintes: *“os bebês tem muitos inícios na Educação Infantil, por isso é muito importante a acolhida das crianças e dos pais”* (Gest. 2), no sentido de se sentirem acolhidos, respeitados e envolvidos pelas descobertas dos bebês. Ainda, considerado *“uma fase de descobertas, sendo a primeira a socialização já que muitos chegam na escola e aprendem a conviver com os outros [...] eles se apegam muito as pessoas, por isso é difícil quando entram outras pessoas na sala dos bebês”* (Gest. 3).

Estas reflexões estão, sobremaneira, sustentados pelas palavras de Camera (2006, p. 18), a qual evidencia que:

O nascido, o recém nascido é, ao mesmo tempo, um recém chegado á casa grande. Alguém a quem o mundo adulto precisa acompanhar e acolher com hospitalidade, desenvolver uma ética de acolhida, do recebimento...compartilhar cuidados de um bebê é tarefa séria, complexa, demanda preocupações expectativas, incertezas, mas pode estar impregnada de sentimentos ternos e inclusivos.

Eles precisam muito de segurança afetiva, desse olhar com respeito, um olhar diferente pois cada um tem sua personalidade, é único. Este respeito ao bebê perpassa muitas das ações que se realizam com os bebês, sendo necessário em todos os momentos, como afirma a Gest 5:

*A gente vê muito ainda nas práticas a falta de importância para uma troca de fraldas, um olhar mais específico para a alimentação porque a partir do momento que se entende que o bebê aprende em todos os momentos, em todas as relações, precisa existir esse olhar de respeito e de cuidado com ele.*

Esse olhar mais específico a estas ações da rotina e o reconhecimento delas como momentos de aprendizagem perpassa as concepções sobre o que é ser bebê e qual o papel do espaço da Educação Infantil para ele.

De acordo com Horn (2016) as situações de rotina como comer, brincar e dormir são ações realizadas pelas crianças em seu cotidiano nas escolas de educação infantil, e elas não se sobrepõem umas às outras, e nem obedecem a graus de hierarquia. Ao realizarmos todas essas ações, devemos pensar no bem-estar das crianças e suas múltiplas aprendizagens.



Foto de EMEI-a e EMEI-c. Momento da alimentação: trocas afetivas e sociais entre bebê e adulto



Foto de EMEI-c. O momento do sono, tão importante e necessário para o bebê.

Essas ações presentes no cotidiano da escola infantil ainda precisam ser vistos com outro olhar: um olhar atento, que ensina, que oferece possibilidades, que enxerga essas ações da rotina como repletas de significado, descobertas e aprendizagens e não podem, de forma alguma, ser menosprezadas pelos educadores.

#### 4.1.1 Respeito e a potencialidade dos bebês

O bebê é visto como tendo um *“olhar curioso, que quer saber tudo, são espertos, interagem no seu tempo e sentem tudo diferente dos adultos... ele traz pureza e encantamento no olhar”* (Gest. 2). A fala de uma das gestoras vem ao encontro do que trazem as pesquisas e estudos, resgatados até aqui, a respeito da consciência sobre uma nova visão sobre os bebês:

*Os bebês bem pequenos são sim dependentes do adulto, tem essa dependência mas acredito muito nesse olhar, que olha para essa potência que os bebês trazem. Eu enxergo eles como sujeitos muito potentes que precisam sim do adulto para se desenvolverem mas que tem essa potência, que tem essa curiosidade interna que vai mover eles para buscar suas aprendizagens* (Gest. 5).

Este bebê potente está cada vez mais nos desafiando, propondo novos arranjos, inculcando em nossas ações um novo jeito de fazer educação na primeira infância. Observando estes bebês tão pequenos percebemos que possuem inúmeras formas de expressão, as quais, as vezes, não são compreendidas dentro da instituição escolar.



Fotos EMEI-a, EMEI-c, EMEI-b e EMEI-d.

Ao enxergá-los como seres carregados dessa potencialidade que os eleva e os coloca num outro lugar, enxerguei-os como criadores anulando, dessa forma, a visão limitada de simples reprodutores[...] é a existência desses interesses que os bebês apresentam que faz com que estejamos sempre de olhos e ouvidos atentos ao que podem estar “aprontando”, uma vez que, em poucos segundos, podem estar escalando obstáculos para subir numa mesa, podem estar provando um punhado de terra; podem estar agarrados ao pescoço de outro bebê, tentando comunicar-se com ele, podem estar inúmeras vezes jogando algo no chão, para compreender os efeitos daquela ação (MALLMANN, 2014, p. 36)

As potencialidades dos bebês também foram citadas por mais de uma gestora, o qual na sua fala deixou clara sua concepção: “*é a fase onde mais aparece as potencialidades, elas são inúmeras; é onde mais se percebe as conquistas e avanços, estes são diários, semanais. Uma das fases mais lindas*” (Gest. 4). As falas também se relacionam ao entender o bebê como curioso, que descobre e se maravilha com suas descobertas: os balbucios, os sons, os movimentos.

Eles se expressam por movimentos corporais, posturas, expressões faciais, gestos, vocalizações e choro... Os bebês são capazes de estabelecer conexões sociais pela expressão das suas emoções, adaptando ações às reações alheias e vice versa; um exemplo poderia ser o revezamento, uma habilidade social que o bebê traz para a interação quando, ao mamar no seio da mãe, suga no padrão “ação-pausa” (GOBATTO, 2011, p.37).

Alguns gestores acreditam nessa potência dos bebês e afirmam também que eles precisam de autonomia e espaço para se desenvolverem, que não devemos fazer tudo por eles, e sim respeitar o que fazem, no seu tempo. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (BRASIL, 2009) as práticas pedagógicas na Educação

infantil devem garantir experiências que proporcionem situações de aprendizagem voltadas à elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, bem-estar e saúde.



EMEI-a



EMEI-c



EMEI-b

#### 4.1.2 Sobre as diferentes linguagens dos bebês

Durante as entrevistas foi possível notar que, em alguns momentos, as palavras não eram capazes de descrever os bebês, já que esse universo é tão amplo e ainda pouco explorado. Alguns sentimentos se fizeram presentes enquanto falavam, como: a dúvida, a certeza das ações realizadas na prática com os bebês, tomadas perante as ações realizadas, uma certa inquietação em relação as práticas observadas, ao cotidiano das escolas e também na expressão de preocupação por parte da gestão.

Essa aparente preocupação, por vezes, era voltada mais à segurança das crianças, de mantê-las num círculo de cuidados, por serem tão pequenos, em outros, pelo que se pensa deles, como na declaração de uma delas: *“as vezes a gente subestima eles, como se não tivessem capacidade mas fazem tanta coisa!”* (Gest. 4).

Esse pensamento sobre o bebê, de fragilidade e incapacidade, ainda ronda alguns berçários brasileiros como os da pesquisa e, durante este estudo, senti que no município em questão também. Isso observou-se ao perceber que os bebês ficavam por longo período dentro do “baby balanço”, também denominado de bebê conforto, sem poderem se movimentar pelo espaço, explorar e manusear brinquedos a sua disposição, indo em busca do que anseiam. Até mesmo os menores, com 4, 5 e 6 meses de idade, os quais também necessitam deste contato com outras pessoas, objetos e espaços.



Foto de EMEI-a e EMEI-c

Isso se opõe as discussões acerca de propostas que oportunizem espaços mais abertos para que o bebê possa mover-se em liberdade pelos espaços das instituições de Educação Infantil, agindo com autonomia, segundo seus desejos e necessidades. Pikler (*apud* FOCHI, 2014, 131) menciona que:

A criança que consegue por sua própria iniciativa e por seus próprios meios adquire uma classe de conhecimento superior àquela que recebe a solução pronta e, também, que o não intervencionismo na atividade independente da criança não significa abandoná-la: algumas trocas de olhares, um comentário verbal, uma ajuda em caso de necessidade, o compartilhamento da alegria com quem está feliz, tudo isso indica à criança que ela é uma pessoa importante e querida.

Em algumas instituições foi possível observar ações autônomas das crianças, as quais foram possibilitadas pela liberdade de movimentos que possuem nestes ambientes.

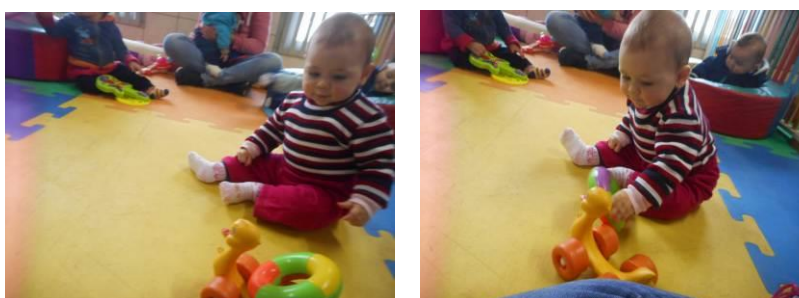


Foto de EMEI-a. Ação autônoma na tentativa de alcançar o objeto.

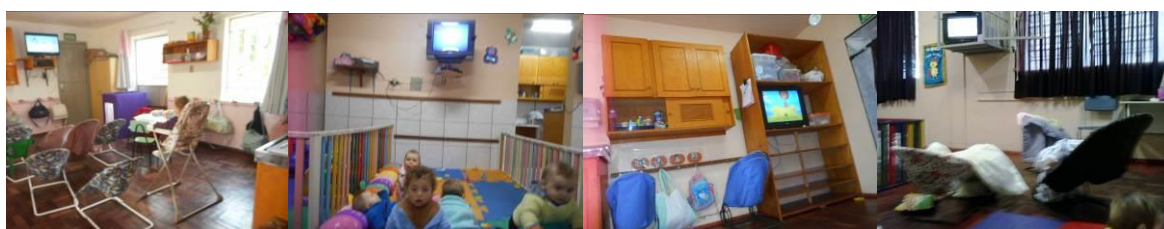


Fotos de EMEI-e e da EMEI-c. A criança realiza ações conforme suas próprias iniciativas.

Outro ponto de destaque que, em alguns momentos, não possibilita espaço para os bebês vivenciarem as diferentes linguagens pelas quais se expressam é a utilização da televisão nos espaços de Berçário. Ela está presente em todos os espaços dedicados aos bebês e, o mais grave, sendo utilizada na maioria do tempo em que os bebês estão na escola, utilizada como forma de entretenimento, desvinculada de um viés pedagógico.

O que se torna preocupante, pois as crianças, desde muito pequenas, estão sendo expostas a uma mídia massificante e consumista, em que os vídeos infantis atuais carregam consigo uma mensagem bem clara em relação a cultura que se quer criar: cultura consumista e individualista (ARAÚJO e ANADAN, 2012).

Além disso, a televisão não deve ocupar uma parte tão significativa do tempo quanto aquela destinada as refeições, ao uso de espaços externos, de integração com outras crianças e de situações propostas pelo educador: organização de espaços e materias para que a criança, de forma autônoma, possa explorar, aprender, descobrir. Precisa ser utilizada de forma planejada e significativa, oferecendo opções que irão ampliar esse mundo do bebê, enriquecer suas descobertas e aprendizagens e não somente como forma de entreter e manter as crianças quietas, com olhar fixo a ela. É necessário refletirmos de forma crítica em relação ao uso da televisão nos Berçários.



EMEI-b

EMEI-a

EMEI-c

EMEI-d

A televisão se faz presente em todas as salas de Berçário pesquisadas.

Em relação a este assunto, tão pertinente aos bebês e aos espaços de berçário, resgato a reflexão de Silva (2016) em artigo publicado no site na revista Nova Escola, onde nos faz pensar sobre o real uso da televisão na Escola Infantil. A autora enfatiza que, para aproveitar o instrumento como parceiro na creche ou na pré-escola, o educador tem de garantir que aquela programação seja parte integrante da proposta pedagógica.

Alguns pontos devem ser observados, de antemão, para a escolha do material utilizado, tal como filmes, DVDs musicais, dentre outros, a serem exibidos. Dentre os questionamentos prévios estão: Qual a intenção pedagógico e objetivos para a utilização deste material? O filme é de qualidade? Qual mediação será feita de forma que os interesses

sejam explorados? O tempo de exibição para alcançar os resultados esperados está apropriado ou exagerado? Então, se o material não auxilia para ampliar o repertório de conhecimentos das crianças, utilizar a televisão na rotina tende a se tornar uma perda de tempo. Em especial, maior atenção deve ser despendida a sua utilização com os bebês.

Dessa forma, é urgente refletirmos sobre o tempo que expomos as crianças a este recurso e quais objetivos estamos esperando alcançar com a utilização dele. Refletir sobre o que estamos lhes proporcionando, quais as mensagens que um desenho ou outro programa tem para passar à criança, de que forma podemos criar momentos e situações para que o tempo em que estejamos em sala seja prazeroso, desafiador, acolhedor, instigante e inovador para o bebê, sem ser necessária somente a utilização da televisão quando as crianças estão muito agitadas, cansadas, antes e depois de momentos de rotina, como forma de manter a organização e a “calmaria” dentro das turmas.

Ainda, dentre os elementos da rotina dos bebês enfatizados, destacou-se as narrativas voltadas ao choro. Como uma das primeiras formas de comunicação dos bebês e, também, uma das formas de linguagem pela qual se expressam, foi lembrado como característico dos bebês e por decorrer em função de vários motivos: sono, fome ou por querer um colo, o qual na fala da Gest 4, “*não mimar ninguém, eles precisam tanto e é tão necessário*”. Assim, utilizando para isso diferentes linguagens, eles demonstram o que estão sentindo, ou seja:

[...] esse desafio de captar as outras linguagens e pensamentos das crianças, aquilo que nos é tácito, exige que nos distanciamos das orelhas maduras e olhares adultocêntricos, e nos empenhamos em procurar escutar com outras orelhas e olhar com outros olhos o que as crianças bem pequenas querem nos dizer e nos mostrar através de suas múltiplas linguagens (PEREIRA, 2011, p.16).



Foto de EMEI-a e EMEI-c. É necessária a interpretação das diferentes linguagens dos bebês.

Através das entrevistas com os gestores foi possível entender um pouco da sistemática que utilizam no cotidiano de sua escola de Educação Infantil, entendendo as razões para



algumas ações observadas, além da necessidade de aprofundamento das discussões desta visão sobre o bebê ser importante para o bom atendimento a ele em todas as suas necessidades e potencialidades.

#### **4.2 O bebê na visão das professoras de Berçário**

Na grande maioria das escolas de Educação Infantil observa-se que as mulheres assumem a profissão de professoras. O sexo feminino historicamente prevalece na docência quando se trata de crianças muito pequenas e nas escolas pesquisadas não foi diferente. Em cada escola optamos por entrevistar uma professora, dentre as quais, estivessem acompanhando os bebês desde o início do ano.

Ao analisar as entrevistas das professoras foi possível perceber a preocupação delas em relação ao questionamento sobre o conceito de bebê, mesmo sendo a faixa etária com a qual trabalham cotidianamente. Foi perceptível a apreensão em falar sobre algo que faz parte de seu dia a dia, temática que poderiam abordar com propriedade e segurança.

Na fala das professoras foi evidenciada a inocência, a doçura e a complexidade que é trabalhar e conviver com os bebês. Pensa-se muito na direção de uma estimulação pois “*é onde que começa tudo: sentar, engatinhar, caminhar*” (Prof. 3). Para outra professora o campo de trabalho com os bebês é “*amplo pois a gente tem bastante coisa para trabalhar como a higiene, a afetividade e o movimento*” (Prof. 4).

O envolvimento de todos os educadores neste processo é imprescindível, sendo que são eles que irão acompanhar toda essa trajetória de aprendizagens e descobertas, além de serem responsáveis por envolver os bebês na vida coletiva da escola infantil. Da forma como afirma Vargas quando diz que os bebês precisam que os consideremos em toda a relação construída no interior dos espaços de vida coletiva, ou seja, suas vontades e desejos precisam ser considerados para que se torne um estudo com eles, e não sobre eles. (2014)

Ao pensar sobre bebês o conceito de estimulação é muito usado, podendo-se observar muitas ações de estímulos como o deitar, rolar, sentar, engatinhar e caminhar. Algumas destas ações tem como ponto inicial a atividade autônoma das crianças e, em outros momentos, a ação da profesora na intenção do incentivo, da estimulação.

A estimulação psicomotora incorporada a currículos e projetos educacionais, nos quais a criança possa se utilizar dessa ferramenta que é o seu corpo, para explorar, perceber, criar, brincar, relacionar, imaginar, planejar, sentir, pode funcionar como facilitador e motivador para aprender (GONÇALVES, 2009, p.26).

Tais situações ocorrem no decorrer do tempo em que os bebês estão no espaço da escola, em alguns momentos de forma direta e outras, de forma mais livre e espontânea. Algumas das ações aqui citadas foram observadas no cotidiano das escolas infantis, como também nas falas das professoras: *“Sobre bebês penso sobre estimulação; é o início de tudo: sentar, engatinhar (Prof.3)”*.



Diferentes formas de estimulação observadas nas EMEI's- D, A, B e C.

A afetividade na visão das educadoras e gestoras também é imprescindível, tal como sugeriram as gestoras entrevistadas, especialmente no envolvimento com bebês, pois *“precisam muito de afeto, mais o cuidado e carinho do que trabalhar as áreas do conhecimento. Muito colo, carinho e afeto”* (Prof. 3). O carinho e atenção dadas a eles também se faz necessária pois, na opinião da Prof.1 a maioria deles fica mais tempo na creche do que com os pais. Assim como entende Camera (2006, p. 28), *“para cuidar são necessários o despreendimento, a descentração de si e o reconhecimento da necessidade do outro, bem como acolhida dele e de sua condição”*.

A questão da dependência do adulto por parte dos bebês apareceu em apenas uma das falas, o que me fez pensar que todas entendem o bebê como alguém que precisa do adulto mas não totalmente dependente dele. Na fala da Prof. 2, o *“bebê é um ser que depende muito da gente, precisa muito de carinho, cuidado, atenção e muita estimulação. A maioria deles está vindo para a escola para aprender a comer, aprender a sentar, porque em casa os pais não estimulam”*.

Nota-se que a função do professor perante o bebê é importante, que ele tem um papel fundamental do desenvolvimento dele, ficando mais evidente na fala da Prof. 4: *“eu acho que a gente é uma parte importante pra eles porque às vezes em casa eles não tem esse contato*

*com materiais para se desenvolverem como na escola então acho que a gente tem um papel bem importante e fundamental para ele, para seu desenvolvimento”.*

O professor não pode trabalhar sem um senso de significado, sem ser um protagonista. Ele não pode ser apenas alguém- ainda que inteligente- que implanta projetos e programas decididos e criados para outras crianças e para contextos indefinidos... O papel do professor é o de protagonista e é inerentemente respeitado. Esse respeito se deve à competência e à inteligência com que o professor é chamado a desempenhar o seu papel (RINALDI, 2012, p.106 ).

O respeito as especificidades dos bebês é algo que se está construindo em nossa Educação Infantil, vide estudos de Barbosa (2004), Horn (2015), dentre outros. O que pode ser notado na fala da Prof. 1, que olha para seus bebês e pensa neles para realizar as ações:

*A gente trabalha como é melhor para eles, conforme eles vão se adaptando; a gente tentou várias formas e não dava certo, eles não gostavam então a gente foi mudando, fazendo como era melhor para eles. Penso que ele precisa muito da nossa ajuda, claro que não precisa fazer tudo por ele mas pode deixar ele mas sempre incentivando, ajudando; a gente elogia bastante quando se vê evolução, eles gostam também.*

Esse olhar atento, com carinho e respeito é fundamental para os bebês na sua constituição como sujeito inserido numa cultura, num mundo repleto de significações, além de respeitar essa pessoa que tanto necessita. Como cita Mallmam (2015, p. 32):

Uma educação para e com os bebês necessita estar atenta a ouvir o que eles tem a dizer observando seus corpos, atenta para enxergar seu interior, ouvindo o que sentem e o que os faz serem da forma como são ampliando, desse modo, a visão que se restringe simplesmente ao ser biológico.

O processo de socialização geralmente inicia numa turma de Berçário dentro de uma instituição de Educação Infantil. Ainda bebês, dentro do meio familiar, são poucos os contatos com pessoas, crianças, e espaços diferentes.

Na escola esse processo inicia de forma bem lenta, respeitando o tempo da criança, os seus sentimentos e reações. “ *É no Berçário que começa a caminhada dele, onde tem o*

*contato com pessoas diferentes do meio dele, pessoas que nunca viram, muitos não tem contato com outras crianças, é onde começa a estimulação: a primeira sopinha, a primeira papa” (Prof. 2). Enfim, pode-se dizer que o cotidiano vivido na Educação Infantil pelos bebês é um espetáculo do mundo; é nessa fase que inauguram experiências que servirão pra toda sua vida (CAIRUGA, 2015).*



EMEI-c



EMEI-b



EMEI-a e EMEI-d. Momentos de socialização, imprescindíveis no desenvolvimento do bebê.

Ao ouvir e analisar as entrevistas questiono-me muito a respeito da formação destes professores de Berçário. Sabemos que estudos mais amplos e voltados a essa faixa etária ainda são recentes mas também precisamos de professores preparados para entender esse universo dos bebês. Concordo com Cairuga (2015, p.10) quando afirma que os bebês precisam desse adulto:

Um adulto especialmente capacitado no que se refere às concepções, ao aporte teórico, ao conhecimento do desenvolvimento infantil, mas principalmente e primordialmente, conhecedor da necessidade vital de afeto, atenção, empatia e interação que as crianças precisam para assim organizar ações pedagógicas que deem conta da especificidade desta faixa etária.

Coomprender suas diversas linguagens, entender que eles possuem muitas potencialidades e habilidades, que necessitam de autonomia e liberdade para se

desenvolverem e de alguém que esteja atento ao que ele está nos mostrando, suas descobertas e evoluções, e que seja capaz de acolhê-lo em todas as suas especificidades é o perfil que se busca em um educador de bebês, os quais tem muitos anseios, assim como entende Moyles (2010) quando diz que os bebês vem ao mundo preparados para serem curiosos e sociáveis. Desta forma, eles desejam participar da sociedade e observam e entendem como nos relacionamos com o outro, como nos comunicamos.



Fotos de EMEI-c, EMEI-e e EMEI-d. O educador é participante ativo de todas as situações ocorridas dentro de um Berçário; necessita ter um olhar aguçado e uma escuta atenta aos desejos das crianças.

O desafio de estar com os bebês passa principalmente pela comunicação, pois interpretá-los exige disponibilidade, conhecimento e interesse por parte dos adultos. [...] Estar professora de bebês exige conhecimentos de base que nem sempre os cursos de formação inicial têm contemplado, visto que não se trata de uma postura que centraliza no sujeito adulto ações que desencadeiam o processo de desenvolvimento das crianças, mas de uma docência baseada na relação: estar com os bebês significa colocar-se intencionalmente disponível para a relação. (COUTINHO, 2013, p. 9).

O professor de bebês necessita dessa sensibilidade, dessa escuta atenta a todas estas linguagens que o bebê expressa; para isso é preciso aliar a prática docente á muitos estudos, leituras, buscar saber e conhecer cada vez mais sobre esse universo tão pouco explorado nas salas de aulas das universidades. É na prática cotidiana com o nosso grupo de crianças que precisamos nos desafiar a fazer mais, buscar entender e conhecer mais para oferecermos experiências ricas.

### 4.3 O espaço sob a visão da Gestão da Educação Infantil

O espaço foi avaliado pelos gestores de forma mais estrutural, física. O que gerou inquietação pois poucas escolas possuem ambientes acessíveis à todas as crianças, já que alguns dos prédios são de dois andares. Há a preocupação com relação ao acesso, principalmente dos bebês, aos demais espaços da escola pois há escadas, rampas e grades.



Escada na EMEI-b.



Rampa na EMEI-c.



Entrada da EMEI -a



Escada na EMEI-b

Quando solicitado para falarem sobre espaço, algumas concepções apareceram, tais como a Gest. 1, que expos: *“é onde estamos, são todos os lugares, espaços usados. Não há espaço exclusivo para aprender”*. Além disso, uma fala relevante traz uma concepção de espaço que precisa ser problematizada, quando a Gest. 4 sugere que *“espaço poder ser apenas um espaço onde estão as coisas ou pode ser um espaço, um local que as crianças estão inseridas”*. Afirmção esta, que vem de encontro com estudos e problematizações atuais da Educação Infantil, nos quais vimos que os espaços onde as crianças estão inseridas vão se formando conforme seus interesses e necessidades.



Espaço da sala do Berçário da escola E.

De modo mais amplo, algumas características destes espaços de Educação infantil foram elencadas, tais como ser: seguro, prazeroso, colorido, com bastante estímulos e

desafios. Em relação aos desafios, há um ponto levantado por uma gestora que é necessário ser problematizado, a qual comentou que *“deixamos de oferecer desafios por medo e insegurança. Mas precisamos explicar tudo para as crianças, o uso dos materiais e espaços, não fazer pela criança e sim ensiná-la”* (Gest.1). O que conecta-se diretamente com a proposta húngara do instituto Lóczy (PIKLER, 2010), o qual sugere a necessidade de conversarmos com os bebês e deixá-los envolvidos e conscientes do que se está oferecendo ou propondo a eles.

#### 4.3.1 Composição dos espaços: desafios, cuidados e segurança

Durante a pesquisa foram observados alguns desafios à exploração dos espaços coletivos da escola pelos bebês, os quais estão ilustrados no esquema abaixo.



Ao falarmos de segurança, foi possível observar diferentes formas de manter/oferecer essa segurança, como ao citarem a separação dos pátios da escola por grades baixas para as crianças não possuírem livre acesso a porta de entrada da escola, a qual fica próxima à rua.



Pátio de frente e acesso à rua da EMEI-b.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (BRASIL, 2009) os espaços devem garantir os deslocamentos e os movimentos amplos das crianças nos espaços internos e externos às salas de referência das turmas e à toda estrutura da instituição. Pensando a partir disso, as possibilidades oferecidas aos bebês dentro das escolas estão iniciando e se fazem presentes em algumas das instituições pesquisadas. Ainda se tem muito a melhorar pois a concepção de segurança e de cuidado ainda prevalece e ganha mais força perante o mundo de possibilidades que é o uso dos espaços coletivos da escola.

Além disso, em algumas salas há separação dos espaço por cercas baixas para “separar os maiores dos menores”. Fala que emergiu na narrativa dos gestores e professores de escolas onde o Berçário contempla bebês da faixa etária de 4 meses a 2 anos e também naquelas que há crianças até um ano.



Sala da EMEI-a.



Sala da EMEI-d.

Proposta que surgiu como uma solução para “maior tranquilidade” nas relações do cotidiano das crianças, ficando claro na concepção destas profissionais que os bebês maiores podem vir a machucar os menores e por isso a separação dentro sala. Como o caso da fala da Prof. “ *Quase sempre separamos os menores dos maiores. Alguns momentos elas organizam com todos, como contação de história, momentos de música, colocam os menores nos baby balanço e os maiores ficam no chão.*”

Problematiza-se essa ação de separação interna dos espaços como a sala pois entende-se que os bebês aprendem com outros, é na relação com seu pares (KAZAHAIA, 2014) que irá construindo suas aprendizagens, desde o bebê mais pequeno, o qual tem no bebê mais velho uma inspiração, um exemplo a seguir. Por que então limitar esse contato com outras crianças? Será que não é possível se pensar outras formas de relação com esse espaço que abrange crianças de diferentes faixas etárias?



Pensando nisso, ao longo do texto passo também a elencar sugestões baseadas em estudos como Horn (2004), Barbosa (2008, 2010), Gandini (1999), Moyles (2010), Rinaldi (2012), em observações realizadas durante a pesquisa, em relatos de experiência, estudos de caso e na própria prática docente com os bebês no decorrer dos anos. Desta forma espero aprimorar as relações com as crianças de diferentes idades dentro de um Berçário, pensando sempre na segurança mas, também, que eles estão aprendendo a se relacionar com o outro e com o mundo. Ess contato é necessário para que entenda que existe um outro além dele, que também precisa dividir o espaço e materiais com este e, assim, vai construindo valores, respeitando o outro que convive com ele.



Fotos EMEI-e. Ao explorarem espaços coletivos o bebê aprende a conviver com o outro.

A integração de crianças maiores e menores num mesmo espaço criam relações ricas e significativas em relação ao respeito, a valorização do outro, o descobrir a si mesmo e ao outro além de ser um elo muito importante para a afetividade da criança (BRASIL, 2009).



Fotos de EMEI-e, EMEI-c e EMEI-d. Uma das ações mais prazerosas para as crianças maiores é auxiliar e cuidar dos bebês.

Prado (2006, p.3), em pesquisa de doutorado denominado “Contrariando a idade: condição infantil e relações etárias entre crianças pequenas da educação infantil”, pesquisou a relação entre crianças de 3 a 6 anos de idade. Através desse estudo observou que:

As idades das infâncias no plural confirmavam-se, ao mesmo tempo que se diluíam nas produções das próprias crianças...Nas mediações com os outros, que ensinavam, aprendiam e faziam juntas, maiores e menores construía seu mundo de cultura através do estabelecimento de relações peculiares de confiança, de respeito e de amizade, durante as brincadeiras compartilhadas.

Nesse sentido, emerge a certeza de que a presença do bebê em todas as esferas do cotidiano de uma instituição infantil é visível pelas outras crianças, as quais sentem por eles um sentimento de respeito e cuidado, zelo e carinho tão necessários nos dias atuais.

A concepção de espaço ampliou-se ao captar nas narrativas que o espaço precisa ser integrador, e não dividido, deve possibilitar o estar junto, estar perto, de forma integrada. Como é o caso do que a Gest. 2 sugere ao comentar a necessidade de *“espaços que abram possibilidades, que sejam utilizados de forma que as crianças busquem o que querem, seguindo o interesse delas”*. Indicando, na opinião desta gestora, que os espaços precisam ser melhor ocupados por todos. Acerca disto, Gandini (1999, p. 156) indica que “o ambiente precisa ser flexível; deve passar por uma modificação frequente pelas crianças e pelos professores a fim de permanecer atualizado e sensível às suas necessidades de serem protagonistas na construção de seu conhecimento”.

Pensando assim, abrimos nossa mente ao novo, ao inusitado, propondo uma organização de espaços que contemple as necessidades e desejos dos bebês daquele grupo de crianças pelo qual temos a responsabilidade e o comprometimento de possibilitar experiências e oportunidades de aprender e crescer cada vez mais como pessoa.

#### 4.3.2 Autonomia das crianças nos espaços

Nas entrevistas tratamos do espaço de forma mais ampla e as respostas foram, aos poucos, se direcionando aos espaços de Berçários, os quais são diferentes em cada escola, não só pela sua estrutura mas também pela localização dentro da instituição: no andar de baixo, no

andar de cima, no centro da escola. Nas escolas que possuem dois andares, alguns contratempos se fazem presentes: subir ao andar de cima com os bebês envolve pessoal, tempo, disposição, além das mudanças climáticas ocorridas em nossa natureza, como o frio ou o calor muito forte.



Acesso ao Berçário no andar de baixo. EMEI-b.

Da mesma forma, questiona-se em como possibilitar o contato dos bebês com os espaços do primeiro andar, sendo que eles estão no andar de cima, com poucos acessos sem escada?



Acesso ao Berçário. EMEI-a.

As escolas onde a estrutura é plana apresentam maior facilidade de locomoção e de exploração por parte dos bebês, mesmo que algumas gestoras aleguem que só isso não basta para que as educadoras usufruam destes espaços externos à sala, pois é preciso boa vontade e disposição, além de acreditar na importância disso para os bebês.

*Eles (bebês) precisam usar o pátio, eles vão ficar até os dois anos sempre ali (na sala) e só depois vão usar os espaços externos? Eles não saem muito por acomodação; dá trabalho tirar eles da sala, tu leva eles para brincar, eles vão*

*querer explorar, vão se sujar e depois disso tem que voltar com todos para a sala (Gest. 4).*

Para que isso mude, é necessário muito estudo, muita leitura, sem isso os professores não saberão a real importância que tem o uso dos espaços coletivos para os bebês .



Escolas onde a estrutura é plana: EMEI-c e EMEI-d

Um olhar diferenciado para esses espaços, é o que traz o Gest. 5:

*[...] tem que ser um espaço seguro mas um espaço que possa sim oferecer inúmeras possibilidades. Por exemplo, uma sala de Berçário tem que ter possibilidades de as crianças ficarem deitadas, dependendo da faixa etária, que nesse lugar eles possam aprender a rolar, sentar, possam engatinhar, que eles encontrem algum suporte que possam se levantar sozinhos.*



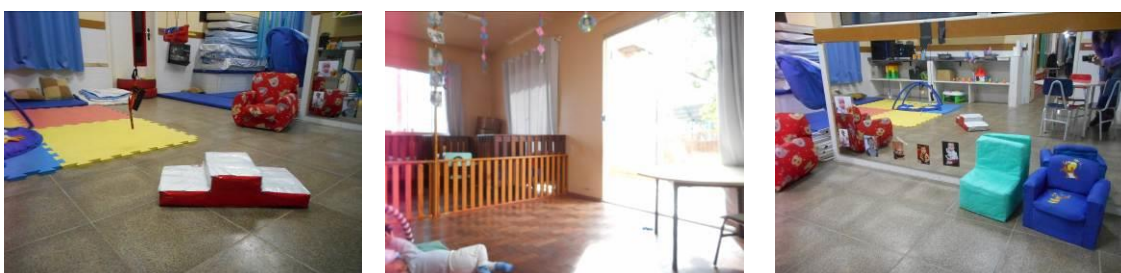
Foto de EMEI-a e EMEI-d. O espaço para o bebê deve possibilitar a autonomia de movimentos e de ações.

Este espaço pode ser entendido como um lugar rico para as crianças explorarem e para deixar que elas usufruam dos diversos materiais oferecidos. Como afirma Rinaldi (2012), se considerarmos a idade e postura das crianças, os bebês ficam parte do tempo sentados ou

deitados e, por certo período, se movimentam engatinhando, é necessário dar importância as superfícies, geralmente tratadas como “meros elementos de fundo”, da mesma forma como os pisos, tetos e paredes. Por fim, “devemos fazer o maior esforço para estar mais cientes do espaço e dos objetos que colocamos ali, sabendo que os espaços em que as crianças constroem suas identidades e suas histórias pessoais são muitos” (RINALDI, 2102, p.155).

Assim, um espaço onde encontrem afetividade, segurança e confiança, é o ponto de partida que deve existir nos espaços de Berçário. Segundo o Gest. 5: *“um espaço tem que ser rico em possibilidades, precisa ser explorado com autonomia pelas crianças. Na sala elas tem que encontrar diferentes recantos, entrar e sair de lugares, coeher o corpo, subir, descer, se esconder, aparecer”*.

Espaços que precisam ser planejados, pensados e organizados conforme os interesses e necessidades das crianças, como também modificados conforme os interesses vão mudando.



Espaços amplos com liberdade de movimentos nas EMEI's E e .C

#### 4.4 O espaço sob a visão das professoras de Berçário

Na perspectiva das professoras entrevistadas, o espaço foi compreendido como primordial pois a se dispor de espaço é possível fazer “muita coisa”. Neste sentido, a Prof. 2 sugere que:

*Quando o espaço é restrito, quando não tem área externa e opções de áreas internas, quando chove é complicado. Aqui na escola temos opções, temos salas pequenas mas a sala do Berçário eu acho muito bom, é bem separado, a gente consegue aproveitar bem os espaços: espaço para dormir, espaço para brincar, espaço para alimentação.*

Ao analisar a fala da professora e observar os espaços da qual fala é possível perceber a organização de espaço que se tem neste Berçário, separado por cercados, onde cada um deles possui uma função. É preciso ressaltar que os bebês precisam explorar todos os espaços onde convive pois através da percepção do espaço ele vai descobrindo formas de se relacionar com os outros e com os materiais.

Como a faixa etária em cada berçário muda, sendo que em duas das escolas o Berçário abrange crianças de 0 a 1 ano de idade e nas outras 3 escolas o Berçário contempla bebês até 2 anos, as características de cada grupo e as possibilidades ofertadas a cada um são diferentes pois as relações que se criam num ambiente que possuem a presença tanto de bebês menores, com poucos meses juntamente com crianças de 1 ano e meio ou mais é diferente daquele que somente tem bebês menores de um ano.

Nas turmas onde a faixa etária do berçário vai até os dois anos os desafios motores, os estímulos à linguagem e aos gestos, o incentivo ao desenvolvimento da autonomia em pequenas ações do dia a dia e o início do jogo simbólico se fazem presentes entre os bebês maiores. Enquanto isso, os bebês menores exploram o seu corpo, descobrem seus primeiros sons, ampliam suas percepções visuais e auditivas, além de também serem desafiados a perceberem seu corpo como algo em movimento.

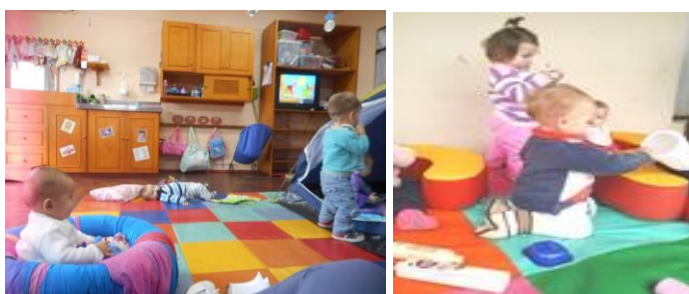


Foto nas EMEI's C e D. Berçário com faixa etária até 2 anos.



Fotos na EMEI-b e EMEI-a. Berçário com faixa etária até 1 ano.

Para isso é preciso muito trabalho, estudo e reflexão por parte das professoras para organizar as vivências destes bebês nos espaços coletivos.

A escola deve levar em conta as capacidades desse bebê nesse momento único de sua vida, em que está aprendendo e descobrindo tudo a sua volta, desde as relações iniciais com o adulto e com as outras crianças, como também as suas capacidades potenciais de aprender a andar, comunicar-se mesmo ainda não falando, ou seja, tudo aquilo que esse bebê competente tem para nos oferecer: a sua identidade, a sua cultura e o seu afeto ( CAIRUGA, 2015, p. 40).

Algumas das salas possuem cercados baixos, para separar os bebês e segundo a Prof. 2, *“no espaço da sala tem espaços que isolam os menores dos maiores, pela segurança daqueles”* e, a mesma professora, comenta sobre o espaço do solário, o qual considera importante para que as crianças tenham contato com o sol.



Cerca de separação na EMEI-d.

E relação às “cercas”, uma das entrevistada relatou-me uma experiência que fez no Berçário até 1 ano. As professoras retiraram o cercado que separava a sala em dois ambientes: o ambiente de brincar e ambiente dos berços e das refeições. Relatando que, *“como a gente tirou a cerquinha, percebemos que eles querem estar livres; assim como está, a gente está limitando eles, como que dizendo ‘vocês só podem brincar aí’ e quando a gente “da” essa liberdade, eles gostam de explorar”*. Além disso, relatou uma certa angústia em relação aos espaços destinados ou acessíveis à esses bebês quando comenta:

*Como era bom se eles tivessem um lugarzinho para ficar fora da sala porque os bebês ficam muito na sala, no mesmo ambiente. Eu acho que seria melhor eles estar um pouquinho fora porque todo dia no mesmo lugar não dá. Por isso a gente tira a cerquinha, não sempre porque precisa estar sempre em cima, cuidando eles. A gente tira para não ser todo dia a mesma rotina; é bom sair da rotina (Prof.1).*



Cerca que separa a sala, a qual foi retirada pelas professoras.

Foto de EMEI-a.

A importância e a necessidade de trabalhar elementos sobre o espaço com os bebês foi lembrada em uma das entrevistas: *“acho importante trabalhar o espaço tanto dentro da sala quanto os espaços fora da sala; o espaço que eles mesmo criam, que a gente pode também criar e desenvolver com eles. Também acho importante deixar eles explorar bastante todos os tipos de espaços”* (Prof. 4).

A fala da professora foi comprovada durante as observações da escola C, já que durante os três dias de observações ao bebês exploraram diversos locais da escola, como solário, pátio externo, corredores e sala dos experimentos.



Fotos da EMEI-c.

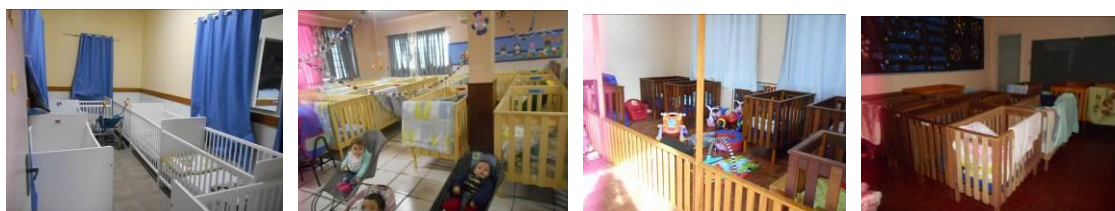
Os ambientes pensados para essa interação de idades precisam conter estas características, para que assim possa descobrir mais coisas. Assim como cita Barbosa (2010, p.8)

Os ambientes precisam ser coerentes com as necessidades das crianças, proporcionando situações de desafio, mas também oferecendo segurança. Quando bem pensados e propostos, incitam as crianças a explorar, a serem curiosas, a procurar os colegas e os brinquedos, isto é, elas podem escolher de modo autônomo.

Quando a Prof. 3 foi questionada sobre espaço, a atenção voltou-se aos espaço do Berçário, o que há nesse espaço e sua importância, sugerindo que *“é importante o cantinho*



*com espelho, espaço separado para os berços, podemos usar o dormitório para fazer brincadeiras”*. E, nesse sentido, ao entendermos que todos os espaços propiciam aprendizagens, podemos alterar os espaços em que ocorrem a rotina e utilizar os espaços para realizar diferentes situações. Como é o caso de dormitórios que ora servem para as crianças dormirem, ora servem para elas brincarem, explorarem e fazerem descobertas.



Espaços para descansar ou brincar, nas EMEI's E, B, C e D.

#### 4.4.1 Espaços além da sala de aula

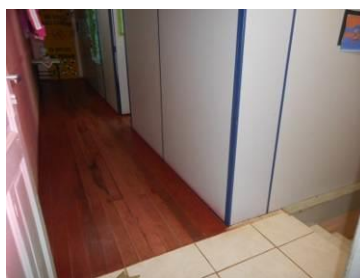
A partir do observado, além das instituições possuírem espaços amplos e disponíveis à todos da escola, ainda se tem muito a pensar sobre a utilização deles por parte dos bebês. A escola A possui 84 crianças, as quais estão em 5 turmas. No Berçário são 16 bebês de 4 meses a 1 ano de idade, sendo que a sala fica no segundo andar do prédio. Nesta escola os espaços externos as salas são variados: brinquedoteca, refeitório, corredores e dois pátios, um na parte de cima da escola e outro, na parte de baixo. Mas os mesmos não são utilizados pelos bebês no seu dia a dia, sendo que um dos motivos disso é a questão de alguns estarem no primeiro andar, havendo a escada como obstáculo para todos os bebês.



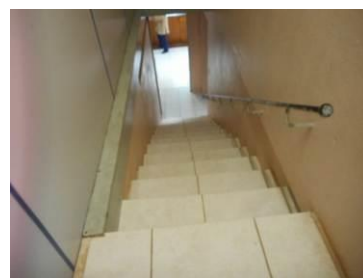
Espaço da brinquedoteca, no primeiro andar da EMEI-a.



Refeitório no andar de baixo



Corredor de acesso ao berçário.



Escada para o andar de baixo.



Pátios externos EMEI-a.

Ao conversarmos com a professora da escola A em relação aos espaços que os bebês usam nesta escola ficou evidente a preocupação que se tem com esse assunto, relatando que os bebês saem pouco da sala de referência deles. Ao conversarmos sobre ida dos bebês a outros espaços a professora relatou:

*A gente leva para outros lugares dependendo de como eles estão teve vezes que fomos com eles no pátio de cima, colocamos os tapetes não chão mas quando tinha menos bebês, já que todos são de colo e a rotina do Berçário é muito “corrida”. Se a rotina não fosse tão seguida acho que a gente ia sair mais Eles adoram ver as folhas (das árvores), as outras crianças (Prof 1).*

Ao refletirmos a respeito do assunto rotina percebemos que ela é vista como um obstáculo a ser ultrapassado, um empecilho para tudo que deseja ser realizado. A visão que as professoras tem da rotina, ainda, precisa ser modificada, pois precisamos inseri-la no cotidiano dos bebês e como aliada na proposta pedagógica. A fala de Vargas (2014, p.114) em tese “Bebês e suas experiências primeiras” vem de encontro com isso:

A organização do tempo e do espaço reflete a ideia que os educadores têm de bebê e o papel da educação para eles e as crianças bem pequenas. A jornada não deve ser planejada em função da limitação do tempo, e sim tendo em conta a qualidade e envolvimento em cada ação realizada e as necessidades específicas de cada criança.

A rotina da escola não pode ser vista como algo já posta, rígida, como impedimento para realizarmos alguma ação. Os momentos de cuidado como a higiene e a alimentação precisam ser compreendidos como momentos imprescindíveis para o conhecimento de si, para a interação e estabelecimento de vínculo entre adulto e bebê. Assim, todos os momentos estabelecidos no cotidiano dos bebês em vida coletiva, precisam ser aproveitados como possibilidades para desenvolverem-se de maneira ampla, autônoma, livre.

Diante das conversas estabelecidas com as professoras e gestoras durante as observações realizadas e durante as observações nas turmas de berçário, foi possível captar que, na maioria das vezes, os momentos de rotina de cuidados do Berçário é o que rege o trabalho proporcionado aos bebês.

E se sobressaem os argumentos de que os espaços não são mais explorados, os recursos e situações não são proporcionados com mais frequência pois “a rotina do berçário não permite”. O controle é feito através do relógio, os momentos e as vivências pensados a partir de visões de um currículo baseado na fragmentação, na atenção aos cuidados básicos e na forma escolarizada de tratar os bebês.

Sobretudo, fez-se necessário repensar a questão da rotina. Nesse sentido, teci alguns registros importantes, em diário de campo, a respeito dessa rigidez e para ilustrá-las uso as palavras de Mallmann (2014, p.59) que ressalta o que ocorre quando não damos ouvidos aos bebês em função desse descompasso:

Nesse formato normatizado, os bebês não são ouvidos. Todos são iguais e suas necessidades e interesses são uniformizados para o bom andamento da rotina. Dessa forma, tempos e espaços são enrijecidos por boa parte dos berçários, que determinam que todos necessitam trocar as fraldas entre 8h30 e 9h30, todos devem ter vontade de brincar das 10h00 às 11h00 e todos precisam dormir das 11h00 às 14h00.

Dessa forma, estamos criando um lugar de bebês onde ele mesmo não tem voz, não tem espaço para suas individualidades, suas vontades, seus desejos e necessidades. O tempo de criação, curiosidade, das experiências com elementos variados, o tempo para se descobrir e descobrir o outro, tudo isso não cabe nessa forma de trabalho. Em relação aos demais espaços internos da escola, a professora da escola **A** sugeriu que ainda não haviam os ocupado. Com exceção para uma caminhada junto à todas as outras crianças da escola, mas eram poucos bebês e as outras professoras ajudaram.

Na escola **B** atualmente frequentam 83 crianças, as quais estão divididas em 5 turmas. Uma destas é o Berçário, no qual há 11 bebês entre 5 meses e 1 ano e 1 mês. A sala está

localizada no primeiro andar da instituição. Esta escola, diferente da escola **A**, possui solário aberto para as crianças saírem. O mesmo, segundo a professora, é “*o mais usado pois os nossos bebês são menores, a gente precisa carregar*”.

A ida a outros lugares dependem de alguns fatores, os quais foram demonstrados nas falas:

*Quando a gente tinha poucos bebês a gente subia (pátio, no andar de cima) e colocava eles nos balanços, os menores nos babys mas agora eles são muito pequenos, estão muito no chão ou no bebê conforto, são poucos os que caminham e por isso não conseguimos explorar mais esses espaços (prof. 2).*



Berçário de EMEI-b possui faixa etária até um ano.

Outro motivo destacado pela educadora da escola **B** é em relação ao clima, mantendo o cuidado com a saúde dos pequenos: “*com esse frio a gente está só na sala, com essa mudança de temperatura se ficam fora ficam muito doentes*” (prof. 2). Da mesma forma, precisa-se ter cuidado com a integridade das crianças, as mesmas necessitam explorar, conhecer, descobrir novos espaços, principalmente externos, ao ar livre.

Diariamente temos a possibilidade de escolher entre nos trancarmos com nossas crianças em salas de aula cheia de concreto, com janelas pequenas e esquecidas, ou desfrutar o “mundo do lado de fora”- com árvores, grama, terra, sol, chuva, vento, animais pequenos, grandes e até invisíveis. Um mundo com céu! (CAOBELLI, 2013, p.35).

Estar ao ar livre, em contato com a natureza proporciona muitos benefícios, alguns destes foram elencados por Caobelli em artigo denominado “A importância de uma pedagogia ao ar livre”. Entre eles: ajudar a desenvolver o poder de observação e criatividade nas crianças, melhorar as habilidades motoras, promover o uso da linguagem e de habilidades

cooperativas, aliviar o estresse e ajudar a lidar com as adversidades, desenvolver a imaginação e um sentimento de admiração pelo mundo.

Considerando estes elementos, evidenciamos a importância de ficar ao ar livre. Entretanto, destaco como uma das maiores dificuldades do educador infantil o não reconhecimento da natureza como um meio passível de ser explorado como ferramenta educativa. Além disso, se tem um consenso que “a natureza é um lugar quase inacessível, de que existe só “na floresta” (CAOBELLI, 2013). Ou seja, oferecer esta experiência aos bebês pode ser muito trabalhoso, necessitando sair daquela rotina rígida e imposta pela educação atual.

Nesta escola, os espaços externos são variados e amplos, e possuem diversos brinquedos de plástico e de ferro, como balanços, escorregadores, casinha, cavalinhos e túneis, os quais oferecem desafios as crianças.



Pátio da EMEI-b.

Pátio repletos de brinquedos de ferro e de plástico.

Problematizando a utilização destes ambientes e pensando que a vinda dos bebês à estes pátios externos ocorre esporadicamente, pois segundo a gestora:

*O pátio da frente é um pouco mais ‘perigoso’(entre espas) pois (os bebês) colocam tudo na boca... quando vão colocar coberta e colchão no chão mas eles engatinham e saem. Então, tem oito balanços, e coloca-se um bebê em cada um e outros ficam sentados brincando, estimulam a caminhar (Gest.3).*



Foto na EMEI-b. Balanços onde são colocados os bebês durante a utilização do pátio.

Levando a refletir sobre como organizar momentos para que os bebês tenham contato com a natureza e com os ambientes externos, podendo ver outras coisas além do que está na sala. O gestor desta escola acredita ser muito bom para os bebês mas eles ficam pouco tempo porque tem os momentos de rotina, como as trocas de fralda, a fruta, o almoço, sendo uma rotina com momentos mais seguidos.

A gestora também cita mais dois espaços que pensa serem utilizados pela turma do Berçário, que são o solário e um pavilhão que tem ao lado da escola. No espaço do pavilhão encontram-se brinquedos como túnel, cavalinhos, escorregador, motocas, cama elástica e piscina de bolinhas. O solário é utilizado em dias com sol e não muito frios para explorarem diferentes brinquedos: livros, chocalhos, encaixes, emborrachados.



Espaço do pavilhão na EMEI-a.



Espaço do solário na EMEI-a.

Podemos pensar esses espaços em diferentes situações: por que não usá-los para realizarem as refeições como a fruta? Ou propor desafios motores a esses bebês nestes diferentes ambientes além daqueles oferecidos pelos brinquedos prontos? Concordo com Gobatto (2014) ao questionar a prática educativa com os bebês, onde a sala é o único cenário de suas vidas na escola. Indicando a necessidade de defender o direito deles estarem em outros espaços sem menosprezar as vivências dos bebês a sua sala de referência.

Aos fundos da escola **B**, bem próximo a sala do Berçário, há um espaço aberto, gramado, o qual, segundo professores e gestor, não é utilizado pelas crianças. Observando e analisando este espaço percebo que o mesmo oferece um rico local de exploração e descobertas, principalmente aos bebês pois fica de fácil acesso á eles.



Espaço nos fundos da sala do Berçário na EMEI-b provoca a realizar vivências significativas com os bebês.

Mas para que este ambiente venha a tornar-se seguro e inspirador para os bebês, ele necessita de alguns ajustes, como uma proteção na sua lateral, pois na mesma há uma escada para o porão da escola, assim como na parte de cima pois pelo corredor próximo a parede podem ter acesso à outros ambientes.

Através de estudo, planejamento e organização, pode-se chegar a criação de espaços repletos de significado, que ofereçam diversas possibilidades de exploração para os bebês a partir da descoberta dos sentidos, das habilidades motoras e o simples estar ao livre. Organizar espaço que favoreça a interação e exploração do bebê presumesse o entendimento pelo professor de que ele não a “figura central das relações” estabelecidas na sala. (GOBATTO, 2011).

A escola C possui 52 crianças, divididas em três turmas. O Berçário contempla bebês de 4 meses a dois anos de idade e durante a pesquisa a turma estava com 16 bebês. Esta escola infantil está numa estrutura plana, e os espaços externos estão separados em pátio da frente e pátio dos fundos. Além desses espaços, os bebês utilizam a sala dos experimentos, onde há muitos materiais potencializadores, os quais, segundo Mallmann, (2014, p. 68) são materiais que “exprimem possibilidades e experiências sensoriais/sensíveis para esses bebês, desde seus primeiros anos de vida [...] Trata daquilo que pode ser potencializado, que tem potência e cada sala de Berçário.



Pátio dos fundos da EMEI-c.



Pátio da frente da EMEI-c.



Sala dos experimentos na EMEI-c.



Refeitório da EMEI-c

Em entrevista realizada com a professora desta escola, a mesma comentou sobre o uso destes espaços pelos bebês:

*A gente usa bastante os espaços da escola, procuramos ir bastante para o pátio, tanto dos fundos quanto da frente para eles conhecerem. A gente leva eles para outras salas também, leva para o refeitório e a gente cria também os espaços dentro da sala; faz cabanas para brincar dentro, entrar e sair. Caixas para eles entrar e sair. A gente vai quase todos os dias; quando não dá porque está muito frio ou chuva, daí a gente explora dentro da sala, separa a sala em duas partes, eles exploram uma e depois exploram a outra, daí a gente abre e eles exploram os dois espaços (Prof. 4).*

Sua narrativa foi evidenciada durante as observações realizadas, no Berçário da escola C, já que estes espaços foram utilizados por elas em diferentes situações e momentos. Descrevo os mesmos ao longo da pesquisa.

Na escola D atualmente estão matriculadas 48 crianças, contempladas em 3 turmas. Na turma do Berçário há 14 bebês de 4 meses a 2 anos de idade. Nesta escola também observamos amplos pátios externos e no interior dela, além das salas, o refeitório e o corredor. Conforme a fala da gestora, observa-se que “o local que os bebês mais ficam é na sala de aula. Eles tem o dormitório deles que é um outro espaço; tem o solário que dá acesso á saída (da escola), ele é bem grande. Eles saem da sala para fazer as refeições, já para ter o contato com as outras crianças” (gest.4).





Pátio dos fundos



Pátio da frente



Solário



Refeitório



Corredor.

Segundo a professora do Berçário da escola D, todos os espaços são usados, na medida do possível:

*Em alguns momentos separamos os maiores dos menores, em outros realizamos os momentos juntos. Dificilmente nos juntamos com outras turmas pois é muito agito para os bebês. Não saímos mais da sala pois alguns são de colo e todos precisam ser carregados, às vezes estão chorando muito, a quantidade de bebês é grande para quantidade de professoras (Prof.3).*

Os espaços utilizados durante os dias de observação foram alguns dos citados mas em nenhum momento as crianças foram separadas, haviam, sim, momentos que os bebês menores ficavam no baby balanço mas também participavam das explorações dos diferentes espaços com os demais.



Foto na EMEI-d. Bebês menores também exploram os ambientes.

Já a EMEI E possui um total de 60 crianças matriculadas, as quais estão divididas em 4 turmas. O Berçário compreende as crianças de 4 meses a 1 ano e meio. Neste grupo há 14 bebês. Os espaços coletivos da escola vão desde o pátio da frente, pátio dos fundos, saguão central, corredor até o refeitório.

Os espaços coletivos da escola são bem aproveitados pelos bebês, levando em conta a idade dos bebês em berçário. Os momentos em que as crianças utilizam os espaços externos a sala são variados: durante a manhã, no horário do almoço e jantar, pois os bebês maiores se alimentam no refeitório e durante a tarde.

Assim, nesta escola, os espaços para exploração são o solário, saguão de entrada, refeitório, pátio da frente e pátios dos fundos. O próprio corredor da escola é um ambiente de aprendizagens para os pequenos pois “a medida que os bebês e adultos ocupam os espaços da creche, eles ganham novos sentidos e significados. A partir das experiências, das relações, constrói-se uma configuração que ultrapassa o aspecto material, e constitui-se em lugares únicos e especiais” (SIMIANO, 2010, p.90). Os momentos de alimentação ocorrem tanto na sala quanto no refeitório e também, algumas vezes, no solário. Abaixo seguem exemplos dos espaços externos na EMEI-e, bem como demais espaços da instituição.



Espaços externos na EMEI-e



Refeitório



Solário



Saguão

#### 4.4.2 As salas do Berçário

Durante as observações realizadas nos três dias, em cada instituição, os bebês tiveram diferentes experiências em relação aos espaços, tanto dentro da sala de referência como nos espaços coletivos. Sendo, sobretudo, a sala de berçário o espaço mais habitado pelos bebês, enquanto estão na escola, o que torna necessário refletir sobre a estrutura e organização da mesma, como espaço em que acontecem a maior parte dos momentos da rotina e das situações planejadas pelas educadoras.

A sala do Berçário da EMEI-A apresentou uma estrutura bem definida, separada por paredes e cercas baixas, delimitando o espaço onde as crianças brincam de onde elas ficam para se alimentarem e dormirem, além de um espaço diferente para realizarem-se as trocas de fralda.



Foto de EMEI-a. Espaço para brincar



Espaço para alimentação e descanso



Espaço para higiene

Observou-se que não é utilizado o espaço da sala em toda sua completude, de forma “aberta” sem tantas limitações. Em vários momentos percebeu-se que os bebês buscavam desafios, uma busca por um espaço que estava ao alcance deles mas não lhes era permitido sua exploração. A comunicação deles ocorria através de olhares, gestos, movimentos, caretas, formas estas que demonstravam seus sentimentos; formas de comunicação que necessitam ser identificadas pelos professores infantis. Como afirma Coutinho (2013, p.9), “o desafio de estar com os bebês passa pela comunicação, pois interpretá-los exige disponibilidade, conhecimento e interesse”.



Foto de EMEI-b. O desejo das crianças de descobrirem o que havia do outro lado era imenso.

O contato com o mundo externo é feito por dois janelões por onde entrou um sol muito gostoso durante as tardes em que estive na sala. Mas nos janelões havia cercados de madeira altos, impossibilitando que olhassem para baixo ou para fora através dos vidros. Os mesmos foram colocados por segurança pois a sala está no segundo piso. A estrutura desta sala no segundo piso da instituição não possibilitou a construção de um solário aberto, com a possibilidade de saírem.



Janelão fechado.



Janelão aberto.

Conforme os Indicadores da Qualidade na Educação Infantil (BRASIL, 2009), organizado pelo Ministério de Educação, os bebês necessitam de espaços para que possam se movimentar, brincar no chão, engatinhar, ensaiar seus primeiros passos. Além disso, precisam ter o contato com estímulos visuais de cores e formas variadas, as quais devem ser renovadas de tempo em tempo.

Estes janelões da sala possibilitava o olhar dos bebês para fora através dos espaços entre o cercado, além de ouvir os sons que vinham da rua. Em muitos momentos as crianças que já gatinhavam ou caminhavam iam até a janela para observar o que se passava lá fora. O tempo de observação não era longo.



Foto na EMEI-a. Ao observarem através da cerca do janelão, as expressões dos bebês eram as mais variadas.

Dentro do espaço destinado ao brincar, o qual é coberto por tatames de EVA, eram ofertados brinquedos pelas professoras. Não havia neste espaço brinquedos colocados a disposição das crianças para que pudessem escolher livremente. Alguns estavam em armários, outros em estantes altas na parede, pendurados no teto ou num espaço menor (cercado) dentro do espaço destinado para brincar.



Visão do cercado menor.



Brinquedos no alto.



Brinquedos dentro do cercado.

Organizar o espaço propiciando que eles atuem sem o auxílio imediato do adulto é um fazer pedagógico que difere daquele pautado na organização tradicional do espaço nas escolas, aquela de maneira rígida, com classes alinhadas e móveis fixos na qual as crianças precisavam do adulto até para lhes alcançar os materiais (GOBATTO, 2014).

A estrutura dos berçários das escolas foram pensados numa época em que haviam poucos estudos sobre os bebês e a prioridade era a higiene, segurança e o cuidado dos mesmos. Hoje pensamos em espaços para bebês em que prevaleçam esses pontos mas, também, valorizem um bebê que busca por desafios, que não aceita mais a rigidez, a rotina e busca outros espaços, a exploração deles através do corpo, através dos sentidos.

O espaço da sala do Berçário da escola **B** também está separado por cercas de madeira, há o espaço onde estão os berços, o espaço destinado para brincar e o espaço onde se realizam os momentos de higiene e refeições. Nas imagens há, evidentemente, a “preparação” destes momentos, evidenciado pela organização dos cadeirões de alimentação, os bebês conforto/baby balanços e berços, de maneira enfileirada. E, embora verifiquemos o envolvimento e intencionalidade das adultas para com a rotina dos bebês, esta forma de organização vem de encontro com o que vemos até o momento em relação ao cotidiano de um grupo de bebês, protagonistas de suas ações, ativos e curiosos por mover-se em liberdade (LOCZY, 2010).



Espaço para brincar.

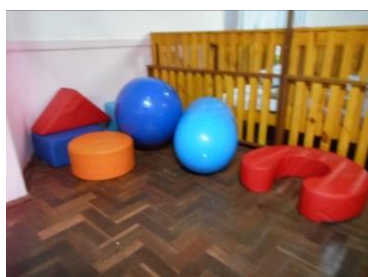


Espaço para descansar.

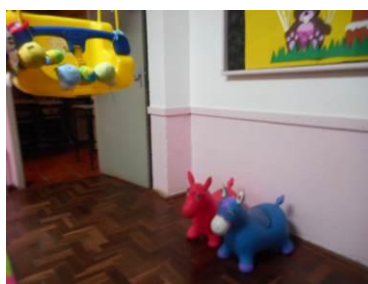


Espaço para alimentação e higiene.

No espaço destinado para brincar haviam alguns brinquedos a disposição dos bebês, como cavalinhos emborrachados e blocos de espuma. Os outros brinquedos estavam em estantes altas, sem o acesso das crianças.



Brinquedos disponíveis no chão da sala. EMEI- a.



Brinquedos no alto.

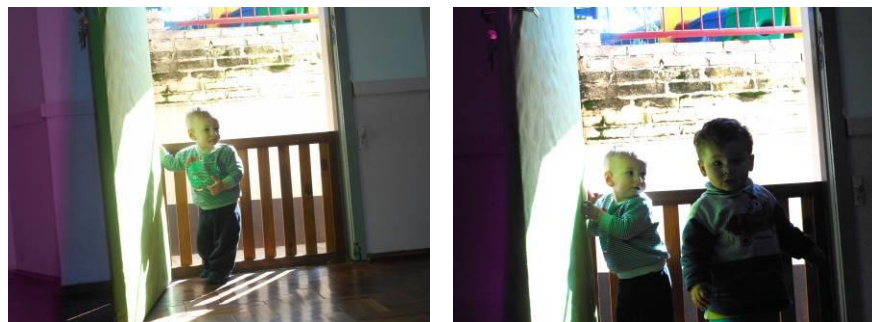
Próximo a sala do Berçário também há um corredor que permite acesso ao refeitório. Aparentemente, o mesmo poderia ser utilizado em diversas situações com os bebês. Nele poderiam ser oportunizadas a exploração de brinquedos, texturas, desafios motores ou a livre movimentação no ambiente.



Corredor ao lado da sala da EMEI-b, o qual dá acesso ao refeitório.

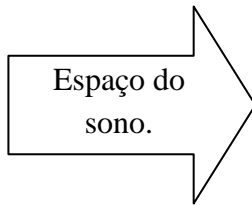
Gobatto (2014) durante a realização de pesquisa de Mestrado presenciou cenas de bebês explorando o corredor em situações de Artes, as quais foram planejadas previamente pelas educadoras. Também, neste espaço do corredor, a brincadeira com o minhocão perpassou o espaço da sala e teve continuidade nele. Assim, refletiu que, “os metros quadrados da sala não foram suficientes para a brincadeira apresentada; então, a solução foi valer-se do espaço do corredor, o qual permitiu a continuidade e expansão da brincadeira que começou dentro da sala” (p.125).

O que ressalta que precisamos nos desafiar ao novo, ao diferente, olhar com outros olhos estes espaços da escola e não somente a sala de referência do grupo de crianças. Notou-se durante as observações que os bebês maiores buscavam descobrir novos espaços e demonstravam interesse ao observar outras crianças brincando, o que ocorreu quando a porta estava aberta e no pátio superior haviam crianças brincando.

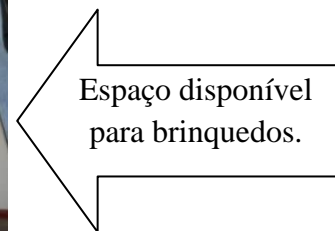


Através da porta da sala, bebês observavam outras crianças brincando no pátio em frente, do lado de cima na EMEI-b.

Na escola C a sala é bem ampla e está separada por uma cerca que separa o local dos berços do restante da sala. A mesma, segundo a professora, é retirada conforme as situações que possibilitam aos bebês.



No outro lado da sala há ambiente livre para as crianças explorarem. Não foi observado estante com brinquedos a disposição das crianças. Havia um baú com vários brinquedos que em alguns momentos é colocado a disposição das crianças para que possam pegá-los. Os móveis da sala sugerem um espaço para colocar brinquedos na altura dos bebês, mas o mesmo não é feito.



Móveis dispostos na sala do berçário da EMEI-c.

Nas paredes da sala haviam cartazes mostrando um pouco da trajetória daquele grupo; o mesmo demonstrando algumas situações com bebês através de fotos, como também imagens de uma história infantil. Pendurado no teto, um móbil de guarda chuva também balançava-se ao vento, chamando a atenção de todos.

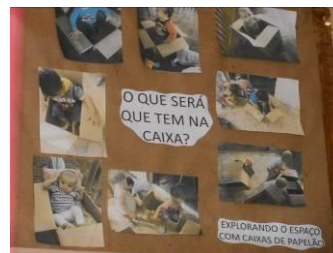


Foto da EMEI-c. Cartazes e móveis demonstravam um pouco do trabalho realizado na turma.



Nesta escola, o espaço do solário foi evidenciada como parte integrante da sala pois o mesmo fica aberto na maior parte do tempo, possibilitando que as crianças que já caminham e engatinham possam explorar os dois espaços. Sob este aspecto, reconheço adultas que possuem a perspectiva de um bebê potente, que pode ir em busca do que deseja, desenvolvendo sua autonomia. Como sugere Coutinho (2013, p.9), “reconhecer os bebês como competentes requer do adulto uma postura atenta quanto àquilo que eles já são capazes de fazer e significar para lhes provocar a avançar nesses processos”.



Solário possibilitando o ir vir dos bebês.

O Berçário da escola **D** possui um espaço bem amplo, possuindo uma sala para dormitório separado da sala de referência. A sala é separada em dois espaços por um cercado de madeira mais baixa. No cercado menor há uma mesa e bancos nos quais, algumas vezes, realizam as refeições do almoço e da janta. Neste espaço há também vários blocos de espuma, um escorregador e uma estante baixa com brinquedos. Sobre este cercado, há balanços pendurados.



Espaço interno do cercado dentro da sala do Berçário da EMEI-d.

Este espaço, conforme as professoras, é colocado a disposição em alguns momentos. Abre-se a cerquinha para que possam ter autonomia na escolha dos brinquedos e a liberdade de movimentos. Em outros momentos, este espaço não é habitado por eles, sendo importante ressaltar que é o único lugar com brinquedos a altura das crianças. No outro espaço, os bebês

brincam com o que as professoras lhes oferecem. A cerquinha é descrita por Simiano (2010, p. 106) como:

[...] um lugar de passagem, pausa, fronteira. Os bebês imprimem marcas, e assim, expressam o desejo do encontro com o outro, com o sol, o ar fresco, a água, areia, com a vida que pulsa no espaço externo. Trata-se de interpretar os sinais dos bebês e pensar o espaço da creche como um lugar de interação com a vida que pulsa na e para além da sala.



A cerquinha da sala sugeriu a menina o olhar para dentro e tentar descobrir o que tinha do lado de lá.

A cerquinha é um elemento presente em 4 das 5 escolas pesquisadas. A mesma está localizada em diferentes partes da sala, tendo funções em cada uma delas. Por vezes para separar o local do descanso, outras para separar o local de brincar, além de sugerir um espaço mais tranquilo para os bebês menores. A cerca também se faz presente nas portas que dão acesso aos ambientes externos. As relações criadas a partir delas são vivenciadas de forma diferente em cada escola, por cada criança.

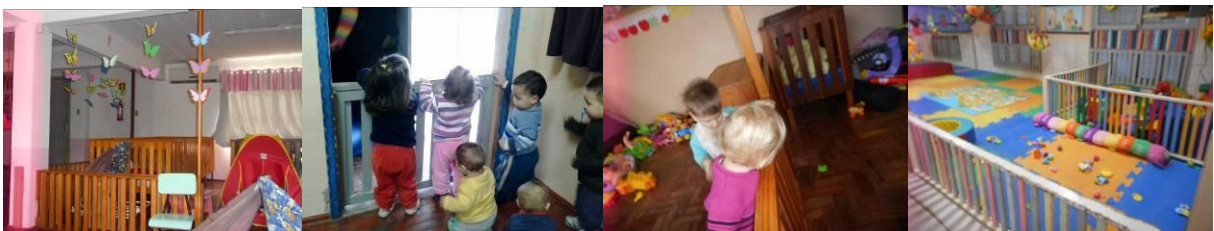


Foto de EMEI-b, EMEI-d, EMEI-c e EMEI-a. As cerquinhas estão presentes na maioria das salas, em diferentes contextos de organização de espaço.

#### 4.4.3 Bebês...Onde estão eles?

Os espaços da escola de Educação Infantil vem se transformando nas últimas décadas, o que ocorreu, dentre outros fatores, devido a vinda das crianças cada vez mais cedo a esta instituição. Pesquisas foram desenvolvidas, como a de Gobatto (2011), Prado (2006), Vargas

(2014), Fochi (2013), Mallmann (2014), alguns espaços foram sendo criados, outros adaptados, e ainda há aqueles que não sofreram modificação, sendo mais difícil a inserção dos bebês e das crianças bem pequenas em turmas da escola da pequena infância.

Uma maior reflexão vem sendo implementada a partir das DCNEI (BRASIL, 2009), que apresentou modificações na implementação das propostas pedagógicas da escola com relação a prever espaços que assegurem “os deslocamentos e os movimentos amplos das crianças nos espaços internos e externos à sala de referência das turmas e à instituição”(ibid). Por isso a importância da circulação e utilização dos diferentes espaços da escola por todas as crianças inseridas na instituição de Educação Infantil, principalmente os bebês.

Em relação ao uso dos espaços coletivos da escola pelos bebês ainda se vê poucas instituições que dão importância a isso e fazendo essa prática tornar-se cotidiana na sua turma de berçário. Dentre as realidades acompanhadas no decorrer do período de observação da pesquisa, foram elencados diferentes aspectos de análise.

As vivências dentro de um berçário são as mais variadas. Neste espaço dos bebês estão claras as concepções que os educadores infantis tem em relação a infância, criança, bebê e espaço, todos dentro de um contexto de educação diferente de alguns anos atrás. Cairuga (2015, p. 50) trata dessa mudança afirmando que:

Houve uma mudança no enfoque educacional, passando-se a reorganizar as práticas educativas a partir das necessidades das crianças. O próprio papel do educador precisou ser repensado, não mais com um viés assistencialista, nem mesmo somente pedagógico. Assim, ampliou-se a concepção do educador como aquele que também cuida.

Durante as observações das turmas de Berçário muitas foram as dúvidas, inquietações, perguntas e reflexões que fiz a mim mesma e ao cenário atual da Educação Infantil, partindo desse pressuposto, foi possível compreender que educar e cuidar são indissociáveis, ainda mais quando falamos de bebês.

Ao acreditar que os bebês, sendo tão potentes, especiais, necessitando de autonomia e liberdade para se desenvolverem, também carecem de espaços e possibilidades que façam de suas vivências as mais significativas e ricas, possibilitando experiências sensoriais, motoras, sociais e naturais. Assim como menciona Rinaldi (2012, p.159),

O projeto pedagógico deve ser entrelaçado com o projeto arquitetônico, a fim de dar suporte aos processos que ocorrem nesse espaço [...] processos de aprendizagem,

ensino, partilha e compreensão, da parte de todos os protagonistas: crianças, equipe e pais.

A partir de reflexões como estas e diante do que percebi e analisei através das entrevistas, pude construir um panorama das relações que os bebês construíam nos espaços coletivos das turmas de Berçário das cinco escolas de Educação Infantil nas quais realizei observações e apontamentos.

Durante a pesquisa acompanhei o cotidiano das turmas de Berçário destas escolas e, partir disso, foi possível perceber a relação dos bebês com a rotina, com as outras crianças, com os adultos e com os espaços que habita.

O tempo que dediquei em estar entre os bebês, nos espaços das escolas pesquisadas, foi de suma importância, pois observei contextos e situações riquíssimas, significativas e prazerosas, tanto para bebês quanto para educadores. Também observei situações que me levaram a questionar a forma com que a escola da pequena infância está concebendo os bebês em seus contextos. A partir de tais situações problematizei muitos elementos durante a pesquisa; trouxe assuntos pertinentes ao cotidiano das escolas infantis e que às vezes não nos damos conta que é tão importante e necessário.

Enfatizo, assim, um pouco dessas observações, que tiveram um olhar e uma escuta sensível, por vezes um olhar crítico e questionador mas, também, um olhar que sugere, que abre caminhos e que faz pensar a respeito das relações que estamos possibilitando aos bebês dentro dos espaços coletivos da escola. Neste tópico, enfoco a utilização que as crianças fizeram dos espaços disponíveis, tanto das salas quanto os espaços além dela.

A sala de aula foi espaço privilegiado dos bebês da escola **B** durante os dias de observação. Os bebês com poucos meses ficavam mais nos “baby balanço”, sendo que a maioria deles não caminham. Assim, percebi a presença de poucos bebês pelo chão, explorando os espaços e materiais. Durante os dias em que estive na sala, haviam algumas crianças em adaptação e, por isso, ficavam por um curto período.

Os momentos de alimentação e de brincadeiras foram realizados na sala, nos espaços designados para isso. Pontuo que estes momentos poderiam ser realizados no solário da sala, pois durante o dia a temperatura estava muito agradável. Na sala há uma cerca que separa o espaço de brincar daquele usado para alimentação; a mesma não foi aberta para que explorassem o espaço da sala como um todo, nem nos momento da alimentação. Com a cerca aberta cada criança poderia ir para o momento da refeição no seu tempo: alguns engatinhando, outros arrastando-se e também caminhando. De acordo com Caobelli (2013, p. 36):

Ficar dentro da sala de aula significa privar a criança da liberdade de sentir-se parte do mundo que a cerca, inclusive da natureza, que lhe é tão estranha. Pensando nossa prática “emparedada”, “emparedamos também nossos alunos, desconectando-os de todo um conjunto de elementos indispensáveis para sua formação moral, cognitiva e emocional.

E, como as crianças ficaram somente na sala, é necessário pontuar o que fizeram neste espaço. Quando possibilitado o contato deles com o chão, as relações criadas entre eles eram as mais diversificadas. O manuseio de brinquedos colocados a disposição, sua exploração, as trocas de olhares entre os bebês e seus movimentos dentro de suas possibilidades.



Foto da EMEI-b. Explorações ocorridos no espaço da sala de aula.

Os brinquedos explorados no espaço da sala foram objetos sonoros, bolas, blocos de espuma e fantoches. Cada bebê descobrindo como utilizá-los, exploravam as texturas, os sons, colocavam na boca. Dois bebês caminhavam, e estes, iam de um lado a outro buscando os objetos, subindo no cavalinho e querendo embalar-se, chutavam a bola e iam buscar. Uma das meninas fazia muitas descobertas perante o espelho; olhava sua imagem refletida e colocava as mãos nela. Assim como menciona Vargas (2014), é na relação com o outro e com o mundo, em uma experiência espaço temporal de corporeidade, que as crianças aprendem sobre o mundo, sobre os outros e sobre elas mesmas.

Um dos pontos que chamou a atenção da escola **B** é a questão da exploração dos materiais oferecidos aos bebês durante as observações. As crianças deste Berçário, na sua maioria, são bebês que não caminham. O único ambiente explorado por eles durante as observações foi a sala, onde realizaram os momentos de higiene, alimentação, descanso e brincadeiras diversas. Nesse sentido, observo que os recursos (BRASIL, 2009a), em espaços como este, precisam ser variados, planejados e organizados anteriormente, mas também deve dar espaço para os interesses e desejos deles. Desta forma,

A instituição de Educação Infantil deve estar organizada de forma a favorecer e valorizar a autonomia das crianças. Para isso, os ambientes e os materiais devem estar dispostos de forma que as crianças possam fazer escolhas, desenvolvendo atividades individualmente em pequenos grupos ou em um grupo maior (BRASIL, 2009, p.40).



A variedade de materiais disponibilizados aos bebês é imprescindível ao seu desenvolvimento.

Na sala não foram observados brinquedos a disposição dos bebês mas, enquanto estive lá, foram ofertados uma diversidade de situações para os pequenos. Concretizando momentos com canções infantis, exploração de chocalhos diversos, blocos de espuma, sucatas, livros, brinquedos de encaixe. A ação das professoras junto as brincadeiras das crianças era marcante pois incentivavam, conversavam, davam atenção a cada um deles.



Foto na EMEI-a. Educadores presentes durante as brincadeiras com os bebês.

Na escola C observou-se a importância dada para a utilização dos espaços. No primeiro dia de observação a porta do solário foi aberta e, assim, explorando os dois ambientes, possuíam liberdade de movimento e autonomia nas suas ações. O momento da fruta também foi realizado neste ambiente, por uma das professoras. Os bebês menores ficaram na sala com a outra professora, realizando a mesma alimentação. Além dessa organização para o momento de alimentação, haviam outros bebês dormindo, os quais foram alimentados somente quando acordados. O respeito presente neste ato é fundamental; respeito a cada um, as suas especificidades.



Espaços disponíveis possibilitam o entrar e sair dos que caminham e também movimentos corporais dos menores, sobre o tapete. EMEI-C.

No mesmo dia o Berçário foi para o pátio externo, espaço pelo qual os bebês tem acesso através do Berçário da sala. Ali várias foram as explorações, descobertas e experiências obtidas pelas crianças. Importante frisar que todos os bebês que estavam acordados participaram dessa situação, e aqueles que iam acordando, juntavam-se ao grupo.



Saída para área externa da sala da EMEI-c



Vivências no espaço do pátio da EMEI-c.

No segundo dia de observação estava chovendo e muito frio, as professoras “combinavam” no início da tarde as situações da tarde. Nesse dia foi colocada na sala uma barraca, a qual fez parte do espaço naquela tarde. As primeiras impressões das crianças foram de dúvida, insegurança, observavam com atenção aquele material diferente e aos poucos foram tocando nela e entrando para explorá-la.



Fotos da EMEI-c. A barraca na sala trouxe muita diversão aos pequenos; exploração de um espaço diferente dentro da sala de aula.

Na última tarde em que estive participando do cotidiano das crianças deste Berçário presenciei a visita dos bebês a sala dos experimentos. A primeira exploração de espaço que fizeram foi a ida até o local, a qual foi diferente para cada criança: os bebês menores foram no colo ou no “baby balanço”, outros foram engatinhando e caminhando. Neste espaço foram disponibilizados no tapete algumas espumas, bolas de gel e grampos de roupa. Por um curto tempo as crianças maiores exploraram estes materiais mas logo foram até as prateleiras e retiravam o que havia nos outros potes.



A sala dos materiais potencializadores é um espaço muito rico para ser utilizado pelos bebês. EMEI-c.

Aos poucos, foram modificando aquele espaço, criando novas relações com os objetos e alterando o cenário em que a situação acontecia. Desta forma, passavam a agir com autonomia sobre as coisas, e da mesma forma, como cita Mallmann (2014, p. 64) as crianças “ao transformarem o contexto que vivem, a partir das interações que estabelecem entre si e \ou com os outros, se apresentam no mundo como tores sociais, capazes de transformar o que lhe é apresentado, deixando de ser mero fazedores do que lhes é imposto”.

É importante ressaltar que este espaço denominado pela instituição de “Sala dos experimentos” foi organizada por Mallmann (2014) durante seu Mestrado em Educação,



realizada na referida escola. A pesquisa denominada “Materiais potencializadores e bebês-potência: possibilidades de experiências sensoriais e sensíveis no contexto de um Berçário”, teve como objetivo central investigar os modos como os bebês se relacionavam com diferentes materiais denominados na pesquisa como Materiais Potencializadores. O espaço, atualmente, está disponível para todas as crianças da escola, sendo importante destacar que os professores da escola tiveram ampla formação com a pesquisadora a respeito do uso desses materiais com as crianças.

O espaço do refeitório também foi utilizado pelos bebês maiores no momento da janta. O percurso foi tranquilo, cada um deslocando-se no seu tempo e acomodando-se no banco. Demonstraram autonomia ao alimentarem-se, apenas necessitando do auxílio da professora ao final da refeição. Segundo Cairuga (2015, p. 168):

O momento das refeições é muito rico, além de ser prazeroso. Reservar um bom tempo para as refeições faz com que os bebês aprendam a se alimentar sozinhos e a conhecer os alimentos. O carinho nesse momento e a observação atenta dos professores em relação ao que comem e como comem são elementos importantes no cuidado com a saúde dos bebês.



Foto da EMEI-c. A ida para o refeitório é um momento muito importante no desenvolvimento da autonomia das crianças.

Assim, respeita-se ao tempo que cada bebê leva para se alimentar, sem pressa, sem euforia e sem inquietação, apreciando esse momento, tornando-o rico em aprendizagem e descobertas.

Ainda, durante a tarde do terceiro dia de observação as crianças também exploraram no espaço da sala e do solário várias caixas de papelão. A exploração deste material foi carregada de significado e descoberta por parte dos bebês: entrar, sair, esconder-se, arrastar-se, noções de tamanho e espaço, localização, motricidade ampla e muita criatividade.



Caixas, muitas caixas! Possibilitando a todos muitas descobertas, movimentos corporais e construção de relações.

Ao longo das observações da escola **D** as crianças exploraram, além da sala de aula, os espaços do solário, do refeitório, corredor e parte do dormitório. Durante o primeiro dia exploraram o solário, o qual possui acesso pelo dormitório. Entre o dormitório e a sala há uma cerquinha a qual ficou fechada enquanto a professora organizava o espaço do solário. A alegria das crianças era tanta que ao virem a professora abrir a porta do solário, aquelas que caminhavam foram diretamente na cerquinha para tentar subir.

Vamos profe,  
queremos  
brincar lá fora!



A ansiedade dos bebês ao verem a porta do solário aberta foi imensa! EMEI-d.

No solário, o qual possui um espaço amplo, puderam brincar ao sol e acompanhar o movimento da rua que fica em frente a escola. Ver o mundo, acompanhar o movimento de carros e de pessoas, sentir novas sensações e explorar diferentes sentidos foram as possibilidades deste local.



Fotos da EMEI-d.

Já no solário, muitas brincadeiras; todos os bebês naquele espaço vivenciando o momento da sua maneira.

Por vezes, o refeitório da escola também é utilizado pelos bebês. A ida até este local acontece de várias formas, permitindo que cada bebê se deslocasse do seu modo, alguns caminhando, outros engatinhando, outros no colo. Essa exploração corporal que ocorre enquanto se deslocam é essencial para o desenvolvimento do bebê pois “bebês e crianças pequenas precisam de muito espaço para movimento e exploração; podendo-se dizer que quanto menor o criança, maior o espaço para que possa explorar o mundo e desenvolver suas capacidades motoras” (CAIRUGA, 2015, p.163).



Foto de EMEI-d. Todos os bebês dirigindo-se ao refeitório para o jantar.

Durante o terceiro dia de observação foi proposto a utilização de todos os espaços do Berçário, as cerquinhas de separação foram retiradas e a porta do solário aberta. Durante esta tarde os bebês puderam se movimentar por todos os espaços, incentivados pela sua curiosidade e vontade. Movimentavam-se pela sala, parte do dormitório e solário, cada bebê buscando desafios, brinquedos, construindo relações uns com os outros.



Enquanto alguns estavam na sala, outros brincavam no solário e tinha aqueles que ficavam caminhando e engatinhando de um espaço para o outro. EMEI-d.

O ambiente da sala também oferece ricas oportunidades de experimentação por parte dos bebês. Os espaços, os móveis e os objetos da sala são utilizados pelos bebês em suas diversas brincadeiras, nas suas descobertas e explorações corporais e de espaço. Entretanto, este espaço não deve ser sempre o mesmo pois, conforme as crianças vão crescendo, elas estabelecem novas e significativas relações, as quais advêm de modificações no plano mental e social. Desta forma, o espaço da criança irá se modificando, não será sempre o mesmo já que as necessidades físicas, sociais e intelectuais da criança estão se transformando e assim, as modificações no ambiente também são necessárias (HORN, 2008).



Diferentes espaços para brincar, viver e conviver.

Importantes momentos vivenciados no cotidiano de um Berçário fazem com que esses bebês carreguem consigo uma gama de experiências que fazem deles bebês potentes, capazes de agir e a se relacionar com espaços, tempos, recursos a seu modo.

#### 4.5 Reflexões colocadas em prática

Ao longo desta pesquisa muitas foram as dúvidas e questionamentos que fiz em relação a prática realizada com os bebês no que diz respeito ao uso dos espaços coletivos. A partir dos estudos teóricos foi possível observar a importância disso para os bebês e que essa exploração espacial é necessária à criança antes mesmo dela caminhar. Observando os cotidianos das instituições infantis, conversando com gestores e professores percebo que já se tem algumas modificações no cenário de algum tempo atrás e, ao mesmo tempo, sugere que temos muito a fazer ainda.

Acredito que isso não depende somente de boa vontade dos envolvidos no cotidiano da escola, mas é necessário muito estudo, conhecimento, condições estruturais e de pessoal. E, acima de tudo, precisamos agir com respeito e valorizar os bebês nas suas individualidades.

Nessa expectativa, visto relatar, agora, um pouco das vivências do Berçário da EMEI-e na qual fui professora no primeiro semestre de 2016. Os relatos que seguem dizem respeito a utilização de espaços coletivos da escola pelos bebês entre 4 meses a 1 ano e meio de idade. Através dos aprofundamentos teóricos realizados, das entrevistas e das observações foi possível colocar em prática ações diferenciadas com os bebês, pensando sempre na contextualização com o grupo no qual atuamos, e que isso necessita de planejamento e organização.

Durante o período em que estive em sala desafiei-me a fazer o novo, diferente das ações já incorporadas a minha ação docente: explorar os espaços coletivos da escola com todos os bebês. Este processo reflexivo sobre os bebês e suas relações com o espaço fez com que minha atuação em sala de aula se modificasse, ampliando o olhar para as possibilidades que os espaços coletivos oferecem aos bebês.

As vivências foram acontecendo no decorrer do semestre, algumas se repetiam todos os dias, como a ida das crianças maiores para o refeitório; outras eram de forma esporádica, semanal ou mensal.

Como já pontuado, o ambiente que os bebês passam a maior parte do tempo ainda é a sala. Neste lugar, ocorrem muitos momentos imprescindíveis na vida do bebê mas este lugar não pode ser tomado como único na educação de uma criança, usando-o de forma excessiva quanto ao tempo que se permanece nela, sendo um espaço que pode oferecer tão pouco se comparado ao que há lá fora (GOBATTO, 2011).

A seguir, faço um breve comentário das ações realizadas neste espaço, como momentos de higiene, sono, alimentação dos bebês menores e realização de algumas situações mais organizadas e planejadas pelas professoras. Tudo ocorrendo de forma dinâmica pois nem todos fazem as mesmas coisas ao mesmo tempo.



EMEI-e. Algumas situações ocorridas dentro da sala de aula.

Anexo a sala do Berçário, da EMEI-E, encontramos um espaço que esteve presente na maior parte das escolas visitadas na pesquisa: o solário. Este espaço foi utilizado em diferentes situações e momentos, sendo que o mesmo ficava aberto em alguns momentos do dia, possibilitando o ir e vir dos bebês. Espaço que, às vezes, era pequeno perante a grandiosidade de relações que criavam neste ambiente. Com facilidade de se auto-organizar, escolher e tomar decisões e alcançar o que deseja (CAIRUGA, 2015).



EMEI-e. Situações diversificadas oferecidas no espaço do solário.



EMEI-e. Exploração de caixas diversas.

Outro dos ambientes explorados pelas crianças do Berçário da EMEI-e, além da sala de referência, é o saguão de entrada da escola. Ali é lugar de muitos encontros com crianças

de outras turmas, lugar de descobertas, desafios e aprendizagens. Neste espaço há vários brinquedos disponíveis como escorregadores, cavalinhos, casinhas, através dos quais as explorações são diversas. Ao possibilitarmos o contato dos bebês com esse espaço, a configuração do lugar se transformava pois a presença dos bebês neste espaço modificava o comportamento e as ações das demais crianças que ali estavam pois o sentimento de cuidado, segurança e zelo por eles tomava conta delas.



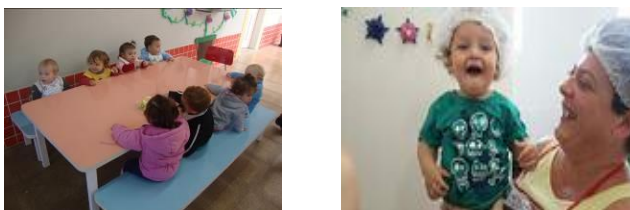
O momento de sair da sala para brincar no saguão era aguardado por todos com muita felicidade. EMEI-e.

Esse espaço também era lugar para encontros com outras crianças, lugar de construir relações, nas quais construía-se carinho, respeito, cuidado. O encontro com crianças maiores trazia alegria e prazer aos pequenos, sendo relevante destacar que os bebês aprendem, também, na interação com seus pares, sendo fundamental o planejamento de espaços que deem conta desse princípio pois ao conviver com faixas etárias diversas, o bebê apropria-se de diferentes papéis e assim conhece melhor a si mesmo (CAIRUGA, 2015).



EMEI-e. Interação com crianças e adultos de toda a escola.

Aliado a esta reflexão, o refeitório também contava com a presença dos bebês nos momentos de almoço e jantar, quando parte da turma do Berçário (bebês maiores) se deslocavam até lá para se alimentarem. Este percurso era repleto de observações pelo que estava no caminho: paradas para brincar no saguão, uma volta até a porta de entrada e uma espiada na cozinha para dar um “oi” para as cozinheiras.



Momento de alimentação no refeitório, o qual também é acompanhado de um colo de uma das funcionárias da cozinha.

Além destes espaços, os pátios externos da escola trazem elementos riquíssimos aos pequenos em relação a natureza. O contato com as pedras, os galhos, as folhas, o vento no rosto e a observação de elementos naturais tão imprescindíveis nestes dias de hoje, onde o artificial tomou conta de nossas vidas. Os momentos que os bebês iam a esse espaço eram repletos de vivências significativas, muito importantes para seu desenvolvimento.

A EMEI-e possui um espaço externo amplo, no qual há possibilidades de proporcionarmos situações diversificadas e desafiadoras.



Um dos espaços externos na EMEI-e.

Os bebês utilizam os recursos oferecidos em suas explorações, descobertas e relações que vão se construindo.

Em outro espaço externo as possibilidades oferecidas aos bebês são outras, já que a estrutura e os elementos presentes são diferenciados. Através desses, os bebês vão desenvolvendo sua motricidade, a observação, a percepção tátil, auditiva e visual, além de agirem com autonomia pelos lugares onde estavam. Preocupando-se sempre com as aprendizagens, descobertas e experiências que este local ao ar livre possibilita a criança, pois ficar ao ar livre possibilita que a criança intensifique suas experiências, muito disto, em função das possibilidades que o movimento em liberdade os instiga a investigar, curiosos, ávidos por ir além dos limites outrora lhes cabia em carrinhos e bebês conforto, promovendo vivências que invoquem todos os seus sentidos (MOYLES, 2010).





EMEI-e. No meio do pátio, muitos degraus. O que fazer neles? Sentar, engatinhar, caminhar, ...



EMEI-e. Além de degraus, muitas pedrinhas...uma montanha delas. E energia para escalá-la não faltou.



EMEI-e. Muito importante é a participação dos bebês menores na exploração dos espaços coletivos.

Como professora, acredito que estas práticas realizadas foram imprescindíveis para estes bebês se desenvolverem de forma autônoma, de maneira integral, desenvolvendo noções básicas de movimento, localização e espacialidade, instigando-os a serem minuciosos em suas observações, percepções, além das relações construídas com as outras crianças e com as diferentes propostas oferecidas a eles cotidianamente, o que oferece segurança a esse bebê e confiança nas pessoas que estarão junto a ele.

#### 4.6 O que os espaços sugerem?

Podemos pensar em pequenas alterações nestes lugares para que os torne mais rico e significativo para os bebês, tanto o espaço interno dentro da sala de aula quanto os espaços externos a sala. Para tanto, ressaltar algumas das sugestões com as quais as professoras poderiam estar pensando, problematizando e organizando aprofundamentos teóricos que promovessem maior segurança para o trabalho com os bebês. Dentre elas: sabendo que os

bebês aprendem tudo pelo corpo e pelos sentidos podemos pensar em painéis com texturas em algumas paredes, a altura deles, já que há espaço para tal, como o mostrado nas imagens abaixo.



Escola A.

Escola B.

Escola C.

Escola D

As paredes da sala apresentam decorações infantis mas somente visível aos adultos. Ao olhar das crianças as paredes poderão sugerir muito se nelas estiverem presentes imagens, elementos do seu dia a dia, conhecidos de seu cotidiano.

Entendo que todos os momentos e espaços de uma escola infantil são de aprendizagem, compreende-se que os bebês poderiam sair do ambiente da sala para brincar e alimentar-se num ambiente externo. A mudança da rotina, a qual muitas vezes é rígida e inflexível, se faz necessária aos bebês pois eles cansam, muito em função de permanecerem cerca de 12 horas dentro da escola.

Alguns leitores e profissionais, podem pensar: como fazer isso numa turma com 14, 15 ou 16 bebês? Sabemos que é esta a realidade das escolas do município, mas se acreditamos na importância da exploração dos espaços pelas crianças pequenas e assumirmos o papel de oferecer estas possibilidades a eles, sempre claro com muito planejamento e organização, nossas concepções serão decisivas para proporcionarmos momentos assim.

Outra sugestão: é possível explorarmos os espaços em pequenos grupos de bebês? Sabemos que nessa faixa etária eles necessitam de momentos de sono durante o dia, os quais não podem acontecer de forma autoritária, na hora que o professor deseja. Os bebês possuem os seus tempos, os seus ritmos, sendo que num grupo dessa idade não podemos pensar em atividades ou momentos estanques, em que todos irão fazer a mesma coisa ao mesmo tempo. Segundo a fala de Cairuga (2015, p. 177):

Sabemos da importância da rotina para os bebês e de quanto devemos ser observadores para entender os sinais que eles nos dão quanto aos momentos mais adequados para oferecer-lhes e proporcionar-lhes situações de aprendizagem, pois nem tudo o que pensamos fazer é realmente feito no dia ou na semana em que planejamos fazê-lo.

Enquanto alguns dormem na sala, outros podem estar explorando um espaço externo juntamente com uma das professoras, acompanhando e cuidando daqueles que descansam. Os momentos do dia em que podem ocorrer essas situações são os mais variados: na chegada das crianças, no início da manhã, principalmente no verão quando a temperatura é mais amena, entre os momentos da rotina, no início da tarde após as situações de alimentação e higiene e também no final da tarde.

Sobremaneira, após a realização da pesquisa, senti necessidade de, não somente elencar elementos que podem ser aprimorados, mas fazer sugestões aos espaços das escolas de Educação Infantil, de maneira bem ampla, envolvendo todas os aspectos elencados e analisados das EMEI's do município. A partir daqui, cada uma pode pensar e repensar os seus espaços e uso que estão fazendo deles.

Em escolas com dois andares penso em usar um portão de segurança na descida da escada, assim possibilitando que os bebês explorem o corredor com a segurança necessária. Além disso, aos poucos os professores podem ousar e retirar as cercas de separação das salas, possibilitando que os bebês circulem de maneira livre e autônoma pelo espaço. Nos casos das salas que dão acesso a outras salas, podemos pensar em portas, as quais podem ser sanfonadas ou de empurrar.

Sente-se a necessidade também de explorarmos mais os corredores das escolas em situações envolvendo os bebês. Se bem organizado, o corredor é uma rica ferramenta para o desenvolvimento dos bebês e de sua aprendizagem. Neste espaço e também na sala sugere-se a colocação de móveis e outros elementos pendurados pelo teto, assim como painéis sensoriais nas paredes, sempre na altura dos bebês. Ainda, colocação de móveis baixos com brinquedos de acesso as crianças. Acrescenta-se a necessidade de pensar nos espaços externos que temos e de que forma podemos melhorá-los, enriquecê-los.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do Curso de Especialização alguns temas chamaram minha atenção e foram motivo de pesquisa e investigação. As leituras, reflexões e debates a respeito da Educação Infantil realizadas, durante as aulas, foram determinantes para que se chegasse ao tema da monografia. A partir da decisão do tema a ser abordado na pesquisa, meu enfoque voltou-se a estudar/ pesquisar e conhecer mais sobre os bebês e suas relações com os espaços da escola infantil.

Partindo do problema de pesquisa e tendo os objetivos traçados, partiu-se para o campo de pesquisa, fazendo uso de todo conhecimento construído na especialização: os teóricos relacionados ao tema e o espírito de pesquisador que me acompanhou durante toda essa caminhada.

Ao buscar identificar as concepções dos adultos sobre os espaços que os bebês frequentam, ficou evidente a preocupação, de todos os envolvidos na educação de bebês, que eles precisam ter espaços adequados para se desenvolver, e isso contempla também os recursos e as possibilidades colocadas a disposição. Ao entrar em sala e participar do cotidiano dos berçários, percebi que já estão acontecendo em algumas das escolas observadas diferentes ações voltadas à esta exploração dos espaços coletivos, as quais tem como base um estudo de pós-graduação realizado e o estabelecimento de parceria entre gestores e professores. Mas, também, houveram situações onde a utilização dos espaços ainda precisa ser tema de debates, estudos e conversas dentro da proposta pedagógica de cada escola, pois o que foi demonstrado não vem ao encontro com a educação de bebês que se almeja.

Cada ambiente escolar diferencia-se em sua forma de pensar e receber os bebês, e isso ficou visível ao acompanhar o dia a dia deles e analisar as falas das gestoras e professoras. Ao verificar se os bebês usam outros espaços da escola e como ele é visto perante a instituição, percebi que os bebês estão aos poucos saindo das suas salas e explorando novos lugares. Esta exploração depende de uma visão mais ampla, na perspectiva da escola pois todos os profissionais precisam entender o significado que tem para os bebês este “sair da sala”. Se não for assim, cria-se uma barreira entre o berçário e o restante da escola. Assim, o lugar dos bebês nas instituições de Educação Infantil também precisa romper com as concepções dos adultos que fazem parte deste cotidiano, reorganizando o lugar do bebê, sobretudo, no inconsciente coletivo.

Aliás, há que se levar em consideração os motivos pelos quais os bebês saem pouco da sala mas, na medida do possível, pensar formas de organizar e possibilitar que esta vivência comece a fazer parte do cotidiano dos Berçários.

Dentre as relações construídas pelos bebês a partir do uso dos diferentes espaços da escola, verificou-se formas diversificadas e planejadas, com intencionalidade pedagógica, repletas de significados, desejos, curiosidades e deslumbramento. Ao estar fora da sala de aula as relações criadas com as outras crianças, com os objetos e com a estrutura, são diferentes daquelas construídas dentro das quatro paredes de uma sala. Por esse motivo precisamos levar os bebês para além da sala de aula/referência, deixar que aproveitem tudo que os outros espaços da escola tem a lhes oferecer.

Ao final desta pesquisa, posso considerar que tenho mais certeza em afirmar que ao trabalharmos com educação, principalmente voltada para os primeiros 3 anos de vida, temos uma responsabilidade muito grande perante a sociedade, pois essa é a fase onde a criança demonstra e potencializa as suas capacidades e habilidades, compreendendo o mundo e estabelecendo relações complexas que irão lhe acompanhar durante toda a vida.

A pesquisa possibilitou, ainda, organizar um parâmetro da educação de bebês no município e isso fez com que minha visão e atuação junto a eles mudasse. O jeito de pensar, de organizar, de planejar e falar sobre bebês é outra e pretendo expandir este conhecimento aos meus colegas de profissão, os quais são responsáveis por tudo isso que defendi durante a pesquisa.

Os bebês precisam sair sim da sua sala de referência e povoar outros locais da escola. Um movimento que faz urgente a necessidade de povoar a escola de educação infantil com os bebês e as crianças bem pequenas, que tem muito a nos ensinar. Através das práticas de algumas escolas pesquisadas, complementadas assim com as experiências que tive enquanto professora de Berçário e relatadas ao final da pesquisa, acredito que outros professores possam se sentir motivados a iniciar uma mudança na forma de conviver com os bebês, levando-os a lugares que até o momento somente são habitados por crianças mais velhas ou adultos. Ou, ainda, que se sintam instigados, desafiados, a trabalhar junto aos bebês.

Acredito que nossas escolas precisam ampliar este olhar sobre a organização dos espaços, pensando nos Berçários de suas escolas, já que os bebês estão presentes neste ambiente e precisam ter as mesmas oportunidades que as outras crianças possuem.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Camila dos S. **A Galinha Pintadinha e o Galo Carijó**: práticas que buscam fixar noções de gênero na Educação Infantil. IN: Portal Anped Sul, 2012. Disponível em [http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Genero,\\_Sexualidade\\_e\\_Educacao/Trabalho/12\\_41\\_01\\_1261-7445-1-PB.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Genero,_Sexualidade_e_Educacao/Trabalho/12_41_01_1261-7445-1-PB.pdf) . Acesso em: 05 jul. 2016.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em : [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm). Acesso em: 04 abr. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Brinquedos e Brincadeiras nas creches**: Organização do Espaço Físico, dos brinquedos e materiais para bebês e crianças pequenas. Brasília: MEC\SEB, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Brinquedos e Brincadeiras nas creches**: Brincadeira e interações nas Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil. Brasília: MEC\SEB, 2012.

BRASIL. **Práticas cotidianas na educação infantil**: Bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Projeto de cooperação técnica MEC e UFRGS para Construção de orientações curriculares para a educação Infantil. Brasília, MEC/SEB, UFRGS, 2009. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat\\_seb\\_praticas\\_cotidianas.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf). Acesso em: 03/02/2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Brasília: MEC\SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Indicadores da qualidade da Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009.

BARBOSA, Maria C. S.; SIMIANO, Luciane ; GOBATTO, Carolina. **Achadouros de infâncias... Ou sobre vestígios de relações entre bebês e adultos no espaço da creche**. Disponível em: [http://www.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda\\_eventos/inscricoes/PDF\\_SWF/14990.pdf](http://www.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/14990.pdf). Acesso em: 09 fev. 2015.

BARBOSA, Maria C. S. **Culturas e processos de socialização das crianças pequenas**. Revista Pátio- Educação Infantil. Nov. 2007/ Fev. 2008, ano 5, n.15.

BARBOSA, Maria C. S. **Especificidades da ação pedagógica com os bebês**. Porto Alegre, 2010, 16 f. Disponível em : [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=6670-asespecificidadesdaacaopedagogica&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6670-asespecificidadesdaacaopedagogica&Itemid=30192). Acesso em: 13 jul. 2016.

CAMERA, Hildair G. **Do olhar que convoca ao sorriso que responde**: possibilidades interativas entre bebês. 2003, 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

CAIRUGA, Rosana R; CASTRO, Marilene C. de; COSTA, Márcia R. da. **Bebês na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2015.

COUTINHO, Angela S. **A prática docente com os bebês**. Revista Pátio- Educação Infantil. Abr./Jun. 2013, Ano 11, n.35.

DUTRA, Elza. **A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica**. Revista estudos de psicologia. Jul./ Dez. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/0D/epsic/v7n2/a18v07n2.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2016.

FOCHI, Paulo. **Mas os bebês fazem o que no berçário, heim?:** documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em um contexto de vida coletiva. 2013, 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

GANDINE, Lella; EDWARDS, Carolyn; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Gestão Escolar. IN: Portal da Educação. Campo Grande: Portal Educação, 2012. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/>. Acesso em: 02 jul. 2016.

GOBATTO, Carolina. **Os bebês estão por todo o espaço:** um estudo sobre a educação de bebês nos diferentes contextos de vida coletiva da escola infantil. 2011, 222 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos:** o atendimento em creche. 2 ed. Porto Alegre: Grupo A, 2006.

GONÇALVES, Fátima. **Do andar ao escrever, um caminho psicomotor**. São Paulo: Cultural, 2009.

HORN, Maria da G. S; Barbosa, Maria C. S. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008. Porto Alegre: Artmed, 2008.

HORN, Maria da G. S. **A ética e o cuidado com a alimentação na Educação Infantil**. Revista Pátio- Educação Infantil. Abr/2016, ano n. 37.

HORN, Maria da G. S. **Sabores, cores, sons e aromas: A organização dos espaços na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KAZAHAYA, Daniel. **Bebês, crianças e seus pares:** a participação do pequeno semelhante no desenvolvimento e na constituição subjetiva. 2014, 137 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

KRIEGER, Maria da G. T. **Fundamentos teóricos e metodológicos da Educação Infantil**. [Obra] organizada pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). Curitiba: Ibepex, 2008.

MALLMAM, Elisete. **Materiais Potencializadores e os bebê-potência:** possibilidades de experiências sensoriais e sensíveis o contexto de um berçário. 2015, 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

- MINAYO, Maria C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. Disponível em : <https://mariogaudencio.wordpress.com/2013/01/02/maria-cecilia-de-souza-minayo/>. Acesso em: 04 julho de 2016.
- MOYLES, Janet (Org.) **Fundamentos da Educação Infantil: enfrentando o desafio**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- OLIVEIRA, Zilma R. de. (Org.). **O trabalho do professor na Educação Infantil**. São Paulo: Biruta, 2012.
- ORTIZ, Cisele & CARVALHO, Maria T. Venceslau de. **Interações: ser professor de bebês-cuidar, educar e brincar, uma única ação**. São Paulo: E. Blucher, 2012.
- OSTETTO, Luciana E. (Org.) **Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professores**. São Paulo: Papirus, 2008.
- PERREIRA, Rachel F. **As crianças bem pequenas na produção de suas culturas**. 2011, 207 f. Dissertação (Mestrado de Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- PRADO, Patricia. **Educação e cultura infantil em creche: Um estudo sobre as brincadeiras de crianças pequenininhas em uma CEMEI DE Campinas/SP**. 1998, 201 f . Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1998.
- PRADO, Patricia. **Contrariando a idade: condição infantil e relações etárias entre crianças pequenas da educação infantil**. 2006, 285 f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006.
- RAPOPORT, Andrea. **Adaptação de bebês à creche- A importância da atenção de pais e educadores**. 2.ed.Porto Alegre: Mediação, 2008.
- RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emília: escutar, investigar e aprender**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- SARMENTO, Manuel J. Infância contemporânea e educação infantil: uma perspectiva a partir dos direitos da criança. IN: SALMAZE, Maria Aparecida; ALMEIDA, Ordália Alves.(Org) **Primeira Infância no século XXI- direito das crianças de viver, brincar e explorar e conhecer o mundo**. Brasil: Oeste, 2013.p. 131-148.
- SILVA, Ana Paula S. da. **Assim não dá: Usar a TV na Educação Infantil sem propósito. Disponível em** <http://novaescola.org.br/formacao/assim-nao-usar-tv-educacao-infantil-proposito-487229.shtml>. Acesso em 07 de julho de 2016.
- SIMIANO, Luciane P. **Meu quintal é maior que o mundo...Da configuração do espaço da creche à constituição de um lugar dos bebês**. 2010, 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2010.
- TERRA, Marlene G. et al. **Na trilha da fenomenologia: um caminho para a pesquisa em enfermagem**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a16.pdf>. Acesso em: 25 de julho de 2016.



VARGAS, Gardia M. dos S. **Bebês em suas experiências primeiras:** perspectivas para uma escola de infância. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.